

Isis Aloma Marinho Lima (Org.)

# POTÊNCIAS SINGULARES, SABERES PLURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

NARRATIVAS DE DOCENTES NO CONTEXTO DO  
PROGRAMA FORÇAS NO ESPORTE



# POTÊNCIAS SINGULARES, SABERES PLURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

NARRATIVAS DE DOCENTES NO CONTEXTO DO  
PROGRAMA FORÇAS NO ESPORTE

Isis Aloma Marinho Lima  
(Org.)

Belo Horizonte - MG  
2023

# Belo Horizonte - MG

## 2023

### Projeto gráfico, diagramação e ilustração

Lara Prado Xavier

Luiza Campos de Souza

### Cordenação do projeto gráfico

Glaucinei Rodrigues Corrêa

Luísa Duarte

Projeto de Extensão Design & Educação

P861 Potências singulares, saberes plurais na educação física [recurso eletrônico] : narrativas de docentes no interior do Programa Forças no Esporte / Isis Aloma Marinho Lima (org.). -- Belo Horizonte: UFMG / FaE, 2023.

120 f. : il., color.

ISBN: 978-65-88446-41-6.

Bibliografia: f. 117-120.

Apêndices: f. 107-115.

1. Programa Forças no Esporte (Brasil).
2. Educação.
3. Professores de educação física -- Narrativas pessoais.
4. Educação física -- Estudo e ensino.
5. Esportes escolares.
6. Educação física militar.

I. Título. II. Lima, Isis Aloma Marinho,  
1984-.

CDD- 796.07

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

Para V. e I., com amor.



# AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Admir, pela disponibilidade, alegria, serenidade e sabedoria que ampliaram a minha forma de ver o mundo.

À professora Juliana, pelo olhar perspicaz, afetuoso e inspirador que delineou um norte para as minhas reflexões e ao professor José Alfredo, por cada palavra preciosa que me permitiram vislumbrar novos horizontes.

Aos/às professores/as participantes da *pesquisaformação* pelos momentos in-críveis que permitiram a realização deste trabalho. Obrigada pela parceria amistosa e por me ensinarem tantas coisas ao escrevermos, coletivamente, os memoriais de formação. Emerson, Fábio e João: foi uma honra trabalhar com vocês!

À Lara, à Luiza e ao professor Glaucinei, pelo design gráfico da obra. Desde o nosso primeiro encontro, mais que realizar o processo técnico, para a publicação do livro em formato eletrônico, Lara e Luiza imergiram como coautoras da obra, selecionando as fotografias dos/as professores/as, com o próprio olhar e reiventando-as em lindas ilustrações aquareladas. Cada detalhe do livro foi pensado para compartilhar com nossos/as leitores/as a maravilhosa vibração que as crianças transmitiam ao adentrar no quartel: um mundo de cores, energia, movimento e esperança.

Aos integrantes do Programa Forças no Esporte (PROFESP)/Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica (CIAAR) pela amizade e compromisso em fazer o melhor a cada dia, em prol dos/as alunos/as.

Ao meu esposo, pelo apoio incondicional, compreensão e companheirismo que me inspiram a ser uma pessoa melhor e ao meu filho, por me motivar com a sua doçura e entusiasmo em descobrir o mundo. Amo vocês!



Quando eu crescer eu vou ficar criança.

Manoel de Barros



# PREFÁCIO

*A boniteza da educação física se expressa nas forças do esporte.*

É muito bonito quando um trabalho acadêmico coloca em destaque os saberes da experiência docente ou histórias contadas por professoras e professores. A beleza é fundamental, como disse o poeta, mas a pesquisa educacional está intimamente ligada a seu comprometimento com a justiça social. Neste livro, composto por narrativas de docentes de educação física, que atuam no Programa Forças no Esporte (PROFESP) do governo federal brasileiro, as experiências de formação dos autores e das autoras testemunham a docência que se mescla entre ética e estética: “decência e boniteza de mãos dadas”, segundo diria Paulo Freire.<sup>1</sup>

O livro é o recurso educacional produzido ao longo da pesquisa de mestrado de Isis Aloma Marinho Lima, que buscou “compreender, por meio de memoriais de formação produzidos em encontros de uma *pesquisaformação* inspirada na documentação narrativa de experiências pedagógicas, as experiências de formação de professores/as de Educação Física do PROFESP”. Em sua pesquisa, de abordagem narrativa e (auto)biográfica, Isis pretendeu tornar visível a atuação dos/as professores/as de Educação Física que atuam em projetos sociais, realizados em instituições militares. Ela problematiza a prática pedagógica das aulas de educação física realizadas em uma instituição militar, ao mesmo tempo em que (in)forma a respeito da riqueza e da complexidade das experiências dos sujeitos (alunos e professores), que vivenciam a formação militar, contribuindo para romper com estereótipos sobre as escolas militares. Em diálogo com a obra freiriana e autores da educação física, Isis enreda na compreensão das práticas corporais como práticas históricas e socioculturais, pautadas por valores e pelos modos de ser, viver e sentir dos seres humanos.

---

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

A pesquisadora produziu memoriais de formação, inspirando-se na “documentação narrativa de experiências pedagógicas” (SUÁREZ, 2016)<sup>2</sup> para promover o trabalho colaborativo entre os/as docentes participantes.

Com os sujeitos da sua pesquisa também fez a “aventura (auto)biográfica” (ABRAHÃO, 2004)<sup>3</sup> ao escrever e compartilhar o seu memorial de formação. No memorial, que abre a composição da obra, ela desenvolveu a narrativa de como chegou ao Programa Forças do Esporte, ao curso de Mestrado Profissional e a condição de professora-pesquisadora-autora. Além de trazer alguns elementos que explicam, justificam e/ou fundamentam seu trabalho investigativo, o memorial reflete o olhar poético sobre a docência e o seu processo de formação, convidando-nos a imaginar o ipê roxo, que a acompanha desde a escrita do projeto, e a torcer pela realização do seu sonho de “semear um lindo jardim florido” na preparação do quartel para receber alunos de escolas públicas com “gentileza, acolhimento, carinho, ternura, empatia e amor”.

Isis Aloma é natural de Belo Horizonte e reside nesta cidade. Graduiu-se em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 2009. Trabalhou como servidora pública na Prefeitura de Belo Horizonte, no cargo de auxiliar de Biblioteca, e como professora de Educação Física do ensino fundamental da rede municipal de Contagem. Também atuou como professora e coordenadora de academia nas áreas de musculação e pilates. De 2013 a 2022, foi oficial temporária da área de Educação Física, do Centro de Instrução e Adaptação na Aeronáutica, onde são formados os oficiais da Força Aérea Brasileira. Sua busca por desenvolver-se profissionalmente se reflete não apenas pela dedicação ao trabalho, como por cursos feitos ao longo da sua carreira, como a Especialização em Educação e Docência na área de Educação Infantil (UFMG).

Como professora e pesquisadora, no curso de mestrado profissional, realizado entre os anos 2020 e 2023, na Faculdade de Educação da UFMG, se dedicou a elaborar esta obra destinada a seus/as colegas de profissão: professoras e professores de educação física.

---

2 SUÁREZ, D. H. Escribir, leer y conversar entre docentes en torno de relatos de experiencia. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 01, n. 03, p. 480-497, set/dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2999>. Acesso em: 14 jul. 2023.

3 ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

A obra que o leitor tem em mãos relata as histórias de três professores e uma professora de Educação Física que atuam no PROFESP, um grupo de docentes oriundos de diferentes estados brasileiros, com idades entre 31 e 49 anos e distintos percursos profissionais. É curioso perceber que, para além da diversidade que caracteriza a trajetória e a atuação profissional desses docentes no programa, o esporte poderia ser escolhido como a palavra que tematiza todas as narrativas aqui presentes. Encantamento, paixão, sonho, superação, competição, aprendizado, vitória, derrota, dificuldade e frustração são algumas das palavras que podem ser associadas ao esporte no decorrer das histórias. A educação física escolar, aliada às memórias afetivas da infância e da adolescência, também reflete o modo como cada docente se encontrou na profissão, embora, em alguns casos, a docência tenha demorado um pouco para chegar a sua vida. Em cada história, quando os participantes narram as suas experiências como docentes, relacionando-as a outras dimensões de sua vida, aprende-se um pouco sobre o que PROFESP representa para eles e sobre a história do programa.

À medida que lemos as histórias, colhemos flores do jardim florido de Isis e consolidando a compreensão que uma das potências do programa está nas relações que os professores e as professoras estabelecem com a equipe multidisciplinar de trabalho no quartel, e com as crianças e adolescentes ao frequentá-lo. As histórias também se unem em torno do conceito amplo de formação, em uma perspectiva freiriana, em estreita relação com a educação vista como práxis, como ação transformadora da realidade. E nesse caminhar pelas vidas narradas, tem-se também a oportunidade de encontrar imagens selecionadas pelos sujeitos. As imagens nos aproximam poeticamente das histórias, abrindo os sentidos e a imaginação à experiência da leitura.

Após conhecer as narrativas produzidas pelos participantes da pesquisa e ler o trabalho completo de Isis Aloma, certamente o leitor irá se deparar com as diversas forças do esporte na vida dos docentes e de seus alunos e reconhecer a boniteza da educação física no olhar sensível, generoso e curioso que a pesquisadora construiu sobre as “potências singulares” e os “saberes plurais” dos seus colegas de profissão.

# SUMÁRIO



## Isis Aloma Marinho Lima

Potências singulares, saberes plurais: narrativas de professores/as de Educação Física como um campo de possibilidades

pág. 12

## Fábio Angioluci

Conto de uma trajetória profissional: para além dos livros acadêmicos

pág. 72



## Emerson Liomar

Motivos, desafios e perspectivas para se tornar professor de educação física: o caminho continua....

pág. 92



## João Paulo Lima

Superação que forma e transforma!

pág. 102



# Isis Aloma

POTÊNCIAS SINGULARES. SABERES PLURAIS:  
NARRATIVAS DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
COMO UM CAMPO DE POSSIBILIDADES





"Passava os dias ali, quieto,  
no meio das coisas miúdas.  
E me encantei."

Manoel de Barros

Isis Aloma Marinho Lima é professora de Educação Física, graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Possui especialização em Educação Básica e é mestre em Educação e Docência, ambos pela Faculdade de Educação da UFMG. Atuou como militar da especialidade Educação Física, no Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica. Possui experiência nas áreas gestão de projetos sociais, gestão esportiva, formação de professores/as e organização de eventos.

## INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 trouxe inúmeras transformações em nossa sociedade. Dentre elas a necessidade do distanciamento social como medida preventiva para evitar a propagação da doença. O trabalho remoto foi uma das soluções encontradas por muitos setores da economia, inclusive na área da educação, para minimizar o contágio pelo Coronavírus. A nova forma de trabalho foi fundamental para a minha decisão de realizar a escrita do projeto de pesquisa para ingressar no Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pois consegui aproveitar melhor o meu tempo livre, que antes era despendido no trajeto casa-trabalho.

Um colega de trabalho me falou sobre a abertura das inscrições e levei um susto ao perceber que teria só um mês para o desenvolvimento da proposta de estudo. Sendo assim, iniciei a corrida contra o tempo e escolhi a palavra obstinação como a principal aliada para realizar a escrita do projeto de pesquisa, no mês de agosto de 2019. Senti que aquele seria o momento de galgar novos caminhos na minha vida acadêmica. Foram dias intensos, com muitas leituras e reflexões que me permitiram saborear o gosto dos trabalhos de autores/as, que aprendi a admirar durante a graduação em Educação Física. Para minha sorte, quando tirava os olhos da tela do computador, eu avistava um ipê roxo florido da janela da minha sala. Ele foi o meu alento durante a estruturação das ideias.

Por se tratar de Mestrado Profissional, associar questões inerentes ao meu trabalho ajudou muito no desenvolvimento do tema da pesquisa. Dentre os desafios do meu cotidiano, elegi as temáticas da prática pedagógica em Educação Física e da formação profissional, como norteadoras para a minha escrita. Neste sentido, contextualizei o cenário que provocou as inquietações e permitiram a realização deste estudo.

Falar sobre a própria história é como se desvencilhar de muitas camadas do próprio ser, tomando posse de cada uma delas. É permitir que o outro nos veja translúcido, percorrendo conosco os caminhos que nos permitiram chegar até aqui.

Desde a mais tenra idade queria ser igual ao meu avô e o seguia para todos os lados. Ele gerenciava um clube de futebol que também funcionava como espaço de lazer para os seus associados. Foi neste local que passei parte da minha infância e aprendi a amar a Educação Física. Lá eu brincava de tudo: futebol, vôlei, peteca, esconde-esconde, pegador, basquete, queimada, rouba-bandeira e, é claro, não saía da piscina!



Meu lugar favorito na infância



Sempre estudei em escolas públicas. As experiências com as aulas de Educação Física na escola foram diversificadas. Nos anos iniciais do ensino fundamental me lembro, com carinho, das aulas e as atividades que mais recordo são o banho de mangueira na quadra, queimada, pega-pega, pular corda, pular elástico, jogo de polícia e ladrão, jogar xadrez e dama nos dias chuvosos. A partir da sexta série as professoras introduziram esportes como futebol, vôlei, handebol, basquete e atletismo. Os dias das aulas de Educação Física eram os melhores.

Aos doze anos comecei a frequentar a empresa de contabilidade do meu tio, para aprender datilografia, e ganhei uma profissão. Fui auxiliar do departamento pessoal, além de ajudar com os serviços externos do escritório. Eu adorava trabalhar na rua porque tinha muito tempo livre, nas filas dos órgãos públicos e nos transportes coletivos, para ler. Manoel de Barros, Cecília Meireles, Machado de Assis, Mário Quintana, Aluísio Azevedo, José de Alencar, Guimarães Rosa, Érico Veríssimo e tantos outros/as escritores/as que me transportavam para novas realidades.

Cursei o ensino médio no Colégio Municipal Marconi e morava longe da escola. Lembro-me de percorrer quarenta minutos dentro do ônibus e depois mais trinta minutos caminhando. Já chegava aquecida para a aula de Educação Física no primeiro horário! A minha professora de Educação Física era incrível! Ela se preocupava em organizar as aulas de modo atraente, com repertório de atividades variadas, mas com maior destaque para os esportes.

Em 2004, ingressei na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sou a primeira mulher da minha família a ingressar na universidade. Nesta escola, participei de alguns grupos de estudo, pesquisa e extensão, dentre os quais destaco o Centro de Estudo do Esporte para Pessoa com Deficiência (CEPODE); Projeto Brincar; Programa de Educação Tutorial Educação Física e Lazer (PET); Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Física Escolar (ProEFE) e Projeto Guanabara. Fui bolsista da Fundação Universitária Mendes Pimentel, do PET Educação Física e Lazer e do Projeto Guanabara. Além disso, também era integrante do Grêmio Estudantil.

Participar desses grupos me permitiu amadurecer o olhar sobre a Educação Física, pois trabalhei com diversas faixas etárias, da infância à terceira idade. Percorri o campo das brincadeiras, da musculação, dos esportes, das lutas, da yoga, do pilates e da dança. Também foi nestes grupos que aprendi a refletir sobre a minha prática pedagógica, a compartilhar experiências e aprendizados com meus/minhas colegas de trabalho e tive a primeira oportunidade de trabalhar com crianças em situação de vulnerabilidade social. Durante a graduação, também fiz estágio em academias, nas áreas de musculação, voleibol, natação e pilates.



Turma de Pilates e Treinamento Funcional

Em 2007, ingressei como servidora pública na Prefeitura de Belo Horizonte, no cargo de auxiliar de biblioteca. Foi um período importante para mim, pois tive aproximação com o universo da escola, da infância e da adolescência, das brincadeiras e da contação de histórias. Em 2010, ingressei como Professora de Educação Física na prefeitura de Contagem e trabalhei com os anos iniciais do ensino fundamental. Também atuei como professora e coordenadora de academia, nas áreas de musculação e pilates. Foi um período intenso, de muita dedicação, trabalho e aprendizado.

No ano de 2012 conclui a Especialização em Educação Básica – Área de Educação Infantil, na Faculdade de Educação da UFMG. A realização deste curso foi importante, pois despertou o meu olhar para a infância. Desenvolvi sensibilidades e sutilezas que fizeram grande diferença na minha prática pedagógica.



Comemoração da turma pela conclusão da especialização

Em 2013, ingressei como oficial temporária da área de Educação Física, no Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica (CIAAR), onde são formados os oficiais da Força Aérea Brasileira (FAB). O processo de admissão foi composto por várias etapas e a mais desafiadora foi a primeira fase do Estágio de Adaptação Técnico (EAT). Nele foram trabalhados temas concernentes à doutrina militar, tais como instruções para comando de tropa e a utilização de armamentos, aulas sobre chefia e liderança, atividades que proporcionaram a reflexão sobre valores, importantes para a vida na caserna, dentre os quais destaco espírito de corpo.

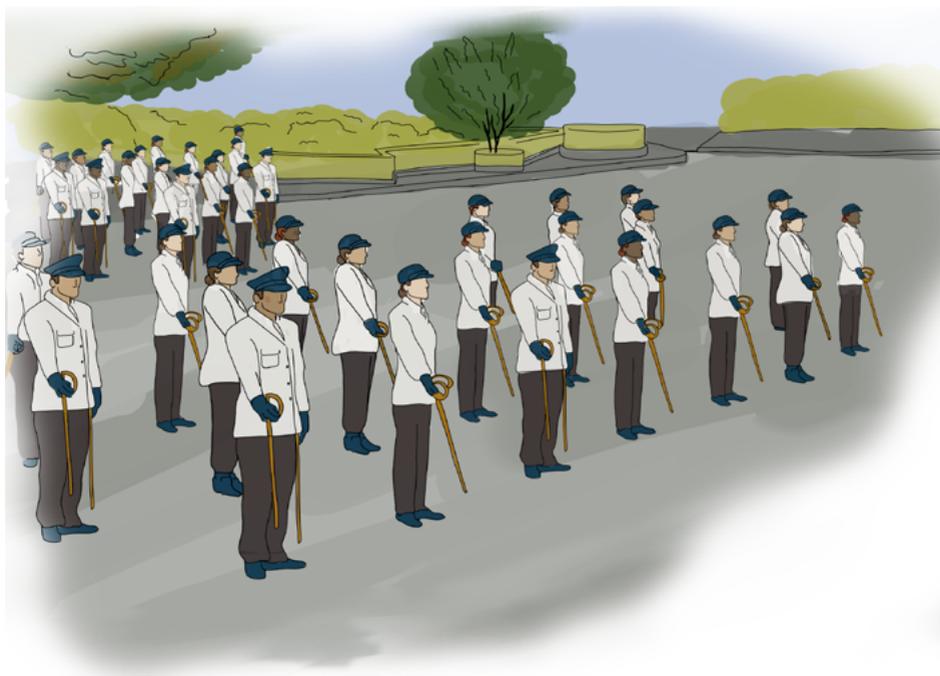


Cerimônia de formatura da turma de oficiais temporários

O espírito de corpo é o conjunto de ideais, atitudes, interesses, aspirações e tradições que identificam os membros de um grupo, superando as diferenças individuais em prol de um objetivo comum. É o auge da maturidade de um grupo, onde a comunhão de ideais, objetivos e características em comum conferem a este grupo uma força difícil de ser superada. Deve ser entendido como um sentimento de “orgulho coletivo” (para com a pátria, com as Forças Armadas, com a Força Aérea Brasileira, com a unidade onde se serve, com a sua especialidade e com os seus companheiros) que permite identificar, ante a coletividade, os membros de um grupo específico. As canções militares, os gritos de guerra e o culto aos valores, símbolos, heróis e tradições da FAB são formas de demonstrar o espírito de corpo, que o militar conserva em sua vida, dentro e fora da instituição (BRASIL, 2021a, p. 21).



Durante o EAT passei a integrar a turma Águia, composta por profissionais de várias áreas: professoras de Educação Física, fisioterapeutas, engenheiros/as, arquiteta, fonoaudiólogos/as, nutricionistas, bibliotecárias e pedagogas. Juntos/as aprendemos sobre a importância do espírito de corpo na caserna, considerando-se que somente com a união da turma conseguiríamos superar os desafios, apresentados durante as instruções que nos prepararam para a pronta resposta, durante as atividades próprias do militarismo.



Formatura da Turma Águia

A experiência como professora de Educação Física contribuiu para o meu êxito no decorrer do EAT. Durante a minha carreira, atuei e atuo tanto com atividades da licenciatura, como professora na Educação Básica e também no Ensino Superior, e atividades do bacharelado, tais como pilates, yoga, treinamento funcional, spinning, musculação, jump, ginástica coletiva, treinamento de corrida, personal trainer e coordenadora. A vivência nessas atividades permitiu realizar as atribuições da disciplina Treinamento Físico Militar (TFM) com facilidade, além de auxiliar no treinamento com os colegas que apresentavam dificuldades.

Durante o EAT, a maioria das aulas de TFM apresentava a mesma configuração: os alunos/as eram organizados/as em filas e fileiras, realizavam o alongamento e em seguida os exercícios de treinamento de força. Em geral, repetíamos o circuito duas ou três vezes e depois seguíamos para o treinamento de corrida. Esta organização das aulas produziu-me algumas reflexões, pois as demais atividades que constituem o conjunto da cultura corporal de movimento não eram ofertadas. Além disso, os/as alunos/as não tinham a oportunidade de assumir a postura de protagonismo durante as aulas, pois os/as professores/as ficavam na frente e a turma seguia reproduzindo os comandos realizados por eles/elas.

Nesse sentido, percebi a necessidade de um novo olhar sobre a prática pedagógica na Educação Física realizada no ambiente militar, considerando-se que o/a professor/a, “ao utilizar metodologias que estimulam a participação dos/as alunos/as, como protagonistas do processo ensino-aprendizagem, contribui para a reflexão acerca dos saberes produzidos pela experiência das manifestações corporais” (SILVA et al, 2020, p. 7) Construir um ambiente diversificado, participativo e de autonomia discente faz parte do processo explorado cotidianamente, com suas idas e vindas e inflexões. Nessa linha, a Educação Física, na condição de disciplina, tem como finalidade “formar indivíduos, dotados de capacidade crítica em condições de agir, com autonomia, na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010, p. 12).

Mesmo com os avanços teóricos e epistemológicos, produzidos na área de Educação Física, percebi que durante o EAT foram realizadas práticas pedagógicas que pouco dialogavam com este referencial reforçando, nos dias de hoje, padrões superados na década de 1980, do século passado, tais como atividades que privilegiam a ênfase na técnica, o esporte de rendimento e a competitividade. Este fato nos conduz à necessidade de ampliarmos as discussões sobre a prática pedagógica no cotidiano das aulas de Educação Física, realizadas no contexto militar.



Após a conclusão do EAT, fui designada para o cargo de Adjunta da Seção de Educação Física (SEF) e tive a oportunidade de lecionar a disciplina TFM, para os/as alunos/as dos cursos de formação de oficiais e para o efetivo da unidade em que servi e, aos poucos, fui construindo junto aos/às meus/minhas colegas de profissão e aos/às meus/minhas alunos/as, um novo olhar sobre a prática pedagógica em Educação Física, apresentando outras possibilidades de práticas corporais.

Com subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar (FREIRE, 1996, p. 30).

Nesse sentido, compreendo que a finalidade da escola, seja ela civil ou militar, não se limita a adaptar o/a aluno/a ao universo sociocultural e sim, possibilitar que a educação se conecte ao que faz sentido para ele/a, que considere o universo de recursos simbólicos próprios de sua experiência de vida e, desse modo, possa produzir relações e aprendizados que sejam significativos na sua formação. Aos poucos fomos introduzindo no TFM práticas corporais outras.

É que essas práticas corporais revelam os humanos tanto quanto qualquer outra obra sua: nós lhes atribuímos significados diversos, e também criamos diversas maneiras de praticá-las. Justamente por isso elas guardam e expressam todos os sentimentos humanos, sendo marcadas e atravessadas por valores éticos e estéticos que expressam modos de se apropriar dos tempos e dos espaços do viver, modos de sentir, enfim. Como criações do pensamento e da ação humanas, são um patrimônio cultural imaterial da humanidade, constitutivas também de sua história (VAGO, 2009, p. 35).

No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isto não signifique, ainda, a mudança da estrutura. Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico-cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles (FREIRE, 1979, p.27).

A inserção destas práticas corporais não foi um processo solitário. Partiu de muitas rodas de conversa com os/as alunos/os e colegas de profissão. Um dos principais desafios dos/das meus/minhas colegas era a dificuldade em se manter a proposta de diversificação das atividades na ausência de algum/a professor/a, devido ao envolvimento com escalas relacionadas a tarefas administrativas do quartel. A realização de trabalhos distintos da docência comprometia a execução do planejamento das atividades, que precisavam ser alteradas de acordo com a expertise dos/as docentes.

Ainda assim, sempre pude realizar a minha prática pedagógica com liberdade e autonomia. Lembro-me da primeira vez em que propus que o tradicional aquecimento estático, organizado em fileiras, fosse substituído pela ginga da capoeira. Eram cerca de cem militares gingando dentro do ginásio. Meia lua de frente, de compasso, martelo, esquiva e queixada, ao som do berimbau. Aos poucos a timidez foi sendo substituída pela alegria e percebi que muitos/as alunos/as possuíam familiaridade com a capoeira.

No calor das contradições, o movimento concreto da capoeira vem demonstrando e acenando que é possível construir referências mais sintonizadas com o desenvolvimento da sociedade atual na perspectiva de sua transformação. A despeito de barreiras políticas e econômicas, os seres humanos, através de suas práticas significativas, destroem fronteiras e edificam um mundo onde, simbolicamente, tudo são margens, onde não há centro, onde não há outros. Com isso, ela aponta novas perspectivas pedagógicas, em que os educadores são chamados a criar pedagogias sem fronteiras, capazes de incorporar os deslocamentos que aproximam os povos em torno de projetos solidários de construção da felicidade humana (FALCÃO, 2004, p. 309-310).

A capoeira foi uma das muitas vivências introduzidas que proporcionou momentos solidários e os degraus da hierarquia foram substituídos pela integração da roda. Este contexto possui mais sentido para a minha prática pedagógica, pois, além de possibilitar a reflexão crítica, relacionada aos processos históricos que caracterizam o jogo da capoeira, ressignificam as relações marcadas pelo cotidiano no militarismo.

Compreendo a educação como um processo de autotransformação do sujeito que envolve e provoca aprendizagens em diferentes domínios da existência, evidenciando o processo que acontece em cada sujeito, traduzindo-se na dinâmica que estrutura ou é estruturada por cada um no seu modo de ser, estar, sentir, refletir e agir (SOUZA, 2014, p.48).

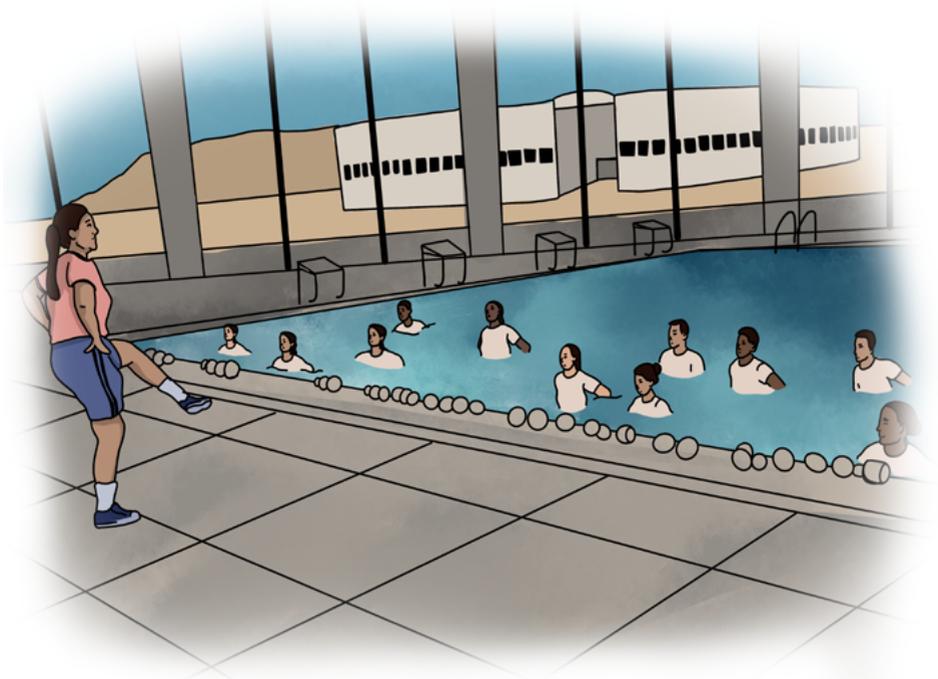
Igualmente acredito no potencial em se superar práticas conservadoras na Educação Física por proposições que levem à emancipação e protagonismo dos/as alunos/as e professores/as produzindo diálogos que contribuam para a transformação da sua realidade social.

Após cerca de três anos na função de adjunta à SEF, acumulei este cargo com outras funções de natureza gerencial e administrativa, o que me distanciou do planejamento pedagógico das aulas.

Não posso me perceber como uma presença no mundo, mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do suporte ao mundo nos coloca. Renuncio a participar a cumprir a vocação ontológica de intervir no mundo. O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996, p. 23).



Neste sentido, nas ocasiões em que era escalada para ministrar o TFM assumia a postura epistemológica de acrescentar, no planejamento das aulas, questões que considero relevantes para a minha emancipação e de meus/minhas alunos/as. Foram muitos diálogos antes, durante e após as aulas. Na Figura 6, o registro de uma aula de hidrogenástica.



Aula de hidrogenástica com os/as alunos/as dos cursos de formação oficial

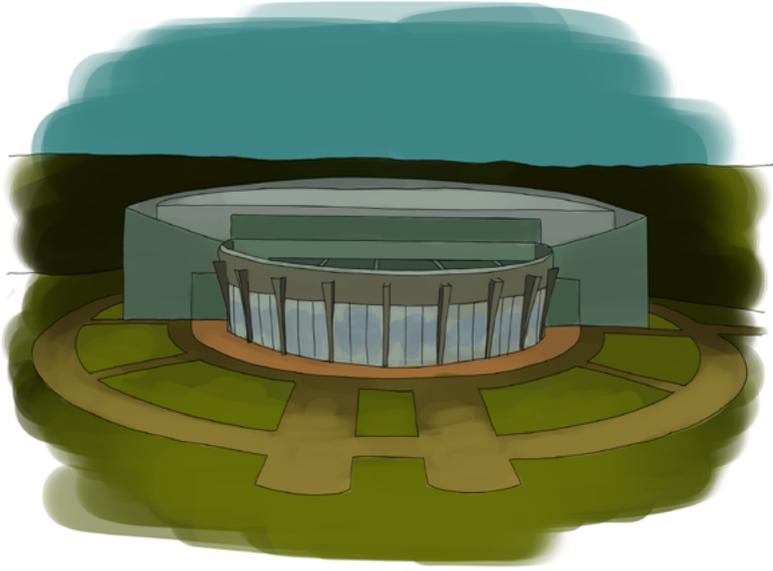
Em uma dessas conversas, uma aluna me relatou a preocupação com a aproximação da data de realização do teste físico e o fato de estar com dificuldades na parte da corrida, devido ao sobrepeso. Agendamos o horário para traçarmos a estratégia para melhorar sua performance no teste de corrida. Nessa conversa, ela compartilhou comigo suas vivências na carreira militar, seus problemas familiares, sua postura política a respeito das avaliações em que era submetida no curso de formação militar e o seu posicionamento no mundo enquanto mulher, militar, esposa, mãe e arrimo de família. Em muitos momentos nossas histórias teciam tramas, que dialogavam entre si. E, como resultado desta conversa, a minha ação enquanto professora de

Educação Física, está muito além de prescrever uma planilha com orientações para o treinamento de corrida. Trata-se de assumir postura política que se pressupõe partilhar com meus/minhas educandos/as a construção da sua autonomia, para intervirem na realidade em que estão inseridos/as, seja dentro ou fora do quartel, modificando-a, haja vista que “a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p.38).

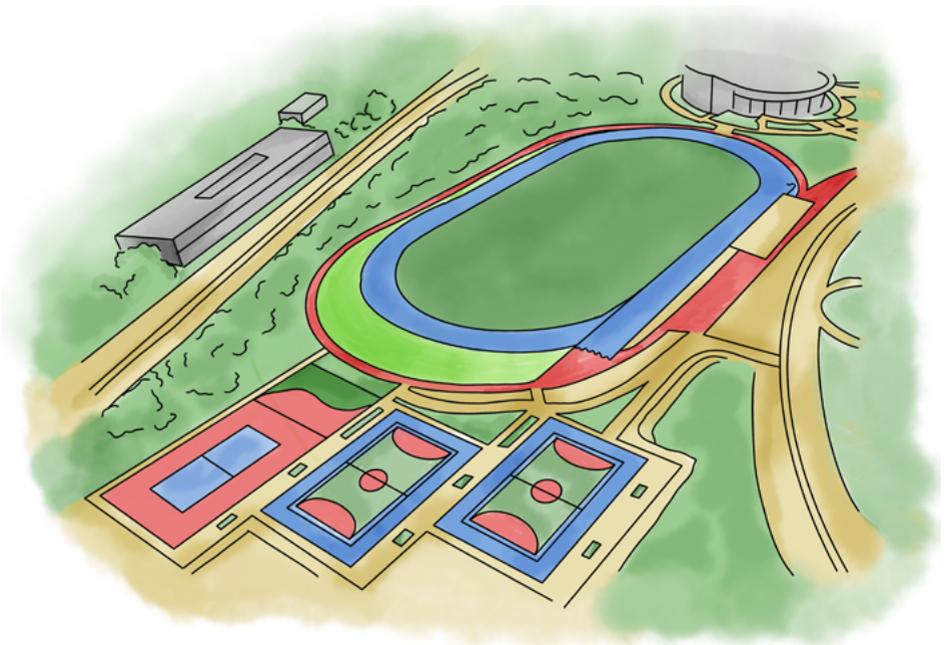
Neste mesmo cenário, tive um aluno que me relatou não concordar com o fato da disciplina TFM ser obrigatória. Como justificativa, ele disse que já fazia musculação fora do quartel e as atividades propostas “atrapalhavam” o treino dele, referindo-se às atividades de treinamento em circuito e a corrida na pista. Neste momento percebi a necessidade de conversar com os meus pares a respeito do ocorrido, considerando-se que a Educação Física “estaria buscando elementos para construir uma prática pedagógica não mais centrada no exercitar-se, mas na aquisição de novos conhecimentos relacionados às manifestações da Cultura Corporal de Movimento” (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011, p.120).

Após dois anos conciliando as funções administrativas de outros setores com a função de professora de Educação Física, dos cursos de formação de oficiais e do efetivo do CIAAR, fui designada para os cargos de Chefe da Seção de Educação Física e da Seção do Programa Forças no Esporte (PROFESP) (FIGURAS 7 e 8). Foi o momento mais esperado da minha carreira, pois seria a oportunidade de colocar em prática muitos projetos adormecidos, desde o meu ingresso na FAB. Ao mesmo tempo, assumir estes cargos significava grande responsabilidade. Além da docência, eu seria a responsável pela manutenção do complexo esportivo com mais de vinte e um mil metros quadrados e coordenaria as atividades do PROFESP.





Ginásio do CIAAR



Complexo esportivo do CIAAR

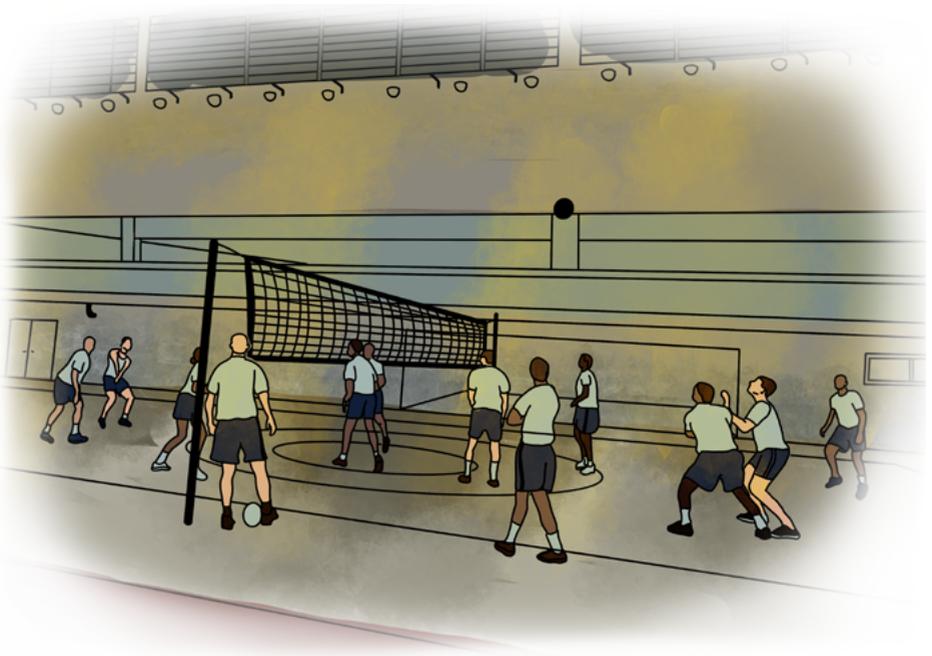
Como chefe da SEF e Coordenadora do PROFESP, o meu intuito era “semear um lindo jardim florido”. Para cumprir este propósito contei com o apoio dos meus chefes, que endossaram as minhas ideias e designaram pessoas extraordinárias para cumprir esta missão junto comigo. Na gestão anterior, os planos de aula eram desenvolvidos apenas pela chefia da SEF e os/as professores/as externos os executavam, fato que limitava as possibilidades de vivências nas aulas, bem como não permitia o protagonismo e a emancipação do grupo. Reuni-me com os/as professores/as e pedi que cada um realizasse o seu próprio plano de aula, garantindo autonomia às suas ações. Os planos de aula eram compartilhados, virtualmente, na rede interna do CIAAR e todos/as acessavam, partilhando ideias e traçando as decisões coletivamente.

Em relação aos alunos/as, adequamos o planejamento das aulas ao que era significativo para eles/elas, de acordo com as etapas da periodização do treinamento. Desse modo, o foco era que obtivessem o melhor resultado no teste físico, porém sem deixar de realizar práticas corporais que permitissem reflexões críticas acerca dos contextos ético, histórico e político inseridos. Em todas as aulas eles/elas desempenhavam o papel principal no palco do TFM.

Com isso, além dos tradicionais treinos em circuito, de corrida e da ginástica calistênica, outros conteúdos da cultura corporal de movimento foram incorporados, tais como jogos e brincadeiras, hidroginástica, handebol, basquetebol, voleibol, natação, polo aquático, futebol, peteca, corrida de orientação, yoga, pilates, crossfit, badminton, judô, jiu-jitsu, tênis, tênis de mesa, xadrez, jogos eletrônicos, dentre outros (FIGURA 9). Os/as alunos/as assumiram o protagonismo na escolha destas atividades, junto ao coletivo de professores/as, bem como a autonomia para definir quais fariam parte da Taça Eficiência<sup>1</sup>. A mudança de paradigma na SEF só foi possível porque encontrei pessoas dispostas a “semear junto comigo”. São profissionais com rica vivência na licenciatura e no bacharelado que reconhecem o papel transformador da Educação.

---

1 A Taça Eficiência é um torneio composto por jogos e esportes, realizado anualmente no CIAAR.



Alunos/as do curso de formação de oficiais jogando voleibol



## UM QUARTEL CHEIO DE CRIANÇAS?

*“Aprendera no Circo, há idos,  
que a palavra tem que  
chegar ao grau de brinquedo  
para ser séria de rir.”*

*Manoel de Barros.*

Em conjunto com as atividades da SEF, fui responsável pela implantação e coordenação da seção do Programa Forças no Esporte (PROFESP) no CIAAR. Este programa é desenvolvido pelo Ministério da Defesa, em parceria com o Ministério da Educação, o Ministério da Cidadania e o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, tendo como público-alvo crianças e adolescentes a partir dos seis até os dezoito anos de idade, em situação de vulnerabilidade social, regularmente matriculados na rede pública de ensino.

O PROFESP e o Programa João do Pulo (PJP) têm, por objetivo promover a valorização do indivíduo, a redução de riscos sociais, o fortalecimento da cidadania, da inclusão e integração sociais de seus beneficiados, pelo acesso à prática de atividades educacionais, esportivas, físicas, atividades socialmente inclusivas, modalidades de esporte adaptado e equoterapia (BRASIL, 2021, p. 8).

No presente trabalho, trataremos apenas do PROFESP, pois os/as colaboradores/as deste estudo que produziram os memoriais de formação não realizaram atividades no PJP, até o momento.

A primeira vez que ouvi falar do PROFESP foi em 2013, no mesmo ano em que ingressei na Aeronáutica. Uma capitã me disse que seria ótimo ver as instalações esportivas do quartel cheias de crianças, pois ela já acompanhava o desenvolvimento das atividades do programa na Marinha, desde o início da parceria entre o Ministério da Defesa e o Ministério do Esporte. Mas, como assim? Um quartel cheio de crianças? De fato, esta afirmação causa estranhamento, especialmente para o público civil que não tem acesso às instalações militares.

São espaços privilegiados para a prática do esporte e do lazer: quadras, piscinas, pistas de corrida, campos de futebol, muita área verde e ruas com pouco trânsito de veículos, além da infraestrutura com salas de aula, vestiários, restaurantes, auditórios e posto médico. Em muitas organizações militares, estes espaços são subutilizados, não cumprindo a função social. Nesse sentido, o PROFESP contribui para preencher esta lacuna, pois se constitui como um programa que, literalmente, abre as portas das organizações militares, oferecendo atividades, no contraturno escolar, para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.



Aula de natação dos/ as aluno/as do PROFESP

No Brasil, com a persistência das desigualdades sociais, a criança é o grupo etário mais afetado pela pobreza e pela violência, geradas por essas desigualdades. No quadro dos problemas sociais urbanos, é fundamental destacar que a cidade é fragmentada e desigual, e essa fratura social cria condições de vulnerabilidade ainda maiores para as crianças pobres (CARVALHO, 2015, p. 65).

As crianças expostas ao risco social vivenciam em seus cotidianos grande parte dos assuntos que, raramente, são tratados no ambiente escolar: tráfico de drogas, trabalho infantil, prostituição, violência física e mental, contato com armas, falta de acesso ao saneamento e condições dignas de vida, dentre outras mazelas.

Propiciar um ambiente transformador na vida das crianças que ingressaram no PROFESP do CIAAR e, ao mesmo tempo, gerir o processo de mudança institucional, em um ambiente constituído por adultos formados pelos preceitos do militarismo, foi desafiador. Receber estes/as alunos/as com gentileza, acolhimento, carinho, ternura, empatia e amor eram os principais objetivos que defini com a minha equipe.



Alunos/as do PROFESP no parquinho

Para dar início às atividades do PROFESP no CIAAR, em 2018, realizei uma visita à Escola de Especialistas da Aeronáutica (EEAR), no município de Guaratinguetá, em São Paulo. Mantenho viva, em minha memória, a imagem dos/as alunos/as chegando ao PROFESP, da EEAR, e desembarcando dos ônibus. Eram cerca de quinhentas crianças e adolescentes, com os/as professores/as e monitores/a da prefeitura. Rapidamente as quadras, ruas, auditórios e salas da EEAR tornaram-se movimentadas com uma alegria contagiante.

Professores/as civis da prefeitura conduziam as aulas de Educação Física, os músicos do quartel orquestravam as aulas de inicialização musical, ao mesmo tempo em que os alunos/as transitavam entre uma oficina e outra cantando, acompanhados por monitores/as militares. Eles/as participaram da cerimônia de formatura semanal da unidade. Prestaram continência ao comandante e desfilaram.

O fato das crianças participarem do desfile militar me chamou atenção. Para um/a espectador/a que não teve a oportunidade de vivenciar cotidianamente as atividades do PROFESP, poderia postular que estão “institucionalizando” as crianças. De certo modo, as instruções de ordem unida que participam, trazem movimentos próprios do militarismo, como a marcha e a continência. Por outro lado, o fato de participarem do desfile agrega o significado de pertencimento ao grupo. Elas desenvolvem a liderança para “comandar” os movimentos da tropa e dialogam com a cultura daquele ambiente. Ao adentrar os muros do quartel, emergem novos valores, significados, tensões, contradições e formas de ver o mundo que serão problematizados nas várias instâncias que vivenciam (FIGURA 12).





Formatura militar com a participação dos/as alunos/as do PROFESP

A criança constrói ativamente a sua identidade, por meio dos diálogos e interações, com os elementos que caracterizam o seu cotidiano. Elas se apropriam da linguagem, das manifestações culturais, dos espaços e ressignificam a vivência experimentada de acordo com a sua própria visão de mundo.

Os estudos sociológicos no campo da infância vêm sustentando a noção da autonomia das culturas infantis, postulando que as crianças, pelas relações com seus pares e com os adultos, constroem, estruturam e sistematizam formas próprias de representação, interpretação e de ação sobre o mundo (BORBA, 2009, p. 142)

Em muitos momentos, percebi as crianças brincando de ser militar. Durante as atividades no quartel, os monitores que as acompanhavam diziam que elas marchavam e prestavam continência muito melhor do que os próprios militares.

O caráter lúdico media a ação da criança no mundo. Em suas atividades, a criança empresta-lhes um sentido que não está na objetividade dos resultados, mas no prazer da sua execução. Prazer que vem de brincar com os objetos, os seres e a linguagem, emprestando-lhes o sentido que vai além da realidade imediata. A criança atribui ao que a cerca o sentido próprio, transgredindo o real e, ao mesmo tempo, dialogando com esse real, reinventando-o (GOUVEA, 2011, p. 555).

A visita na EEAR foi uma experiência inspiradora. Minha equipe e eu percebemos que havia pessoas comprometidas em oferecer condições de aprendizado que agregariam mudanças significativas, tanto por parte das crianças beneficiadas pelo programa, quanto por parte dos/as gestores/as e professores/as do PROFESP.



## O núcleo do Profesp no CIAAR

No ano de 2018, trabalhei na implantação do núcleo do PROFESP no CIAAR. Naquela época, a legislação que regulamenta o programa estava em fase de reestruturação e foi pelo diálogo, com colegas que compartilharam as suas experiências, que defini os direcionamentos necessários para o início das atividades.

Em 2019 realizamos a aula inaugural com a participação de cem alunos/as e seus respectivos familiares/responsáveis (FIGURA 14). A maior parte do público presente residia na periferia do município e algumas crianças moravam em abrigos. Para muitos, antes dessa visita, o quartel era apenas mais uma edificação que compunha o cenário do município de Lagoa Santa, agora estava de portas abertas, assegurando um papel social representativo na vida dessas pessoas.



Aula inaugural do Profesp no CIAAR

A inserção dos alunos/as do PROFESP, no cenário do quartel, provocou uma mudança institucional que agradava a alguns e desagradava a outros. Alguns diziam que a finalidade das Forças Armadas não era essa, certamente por desconhecer o Artigo 16, da Lei Complementar número 97, de 9 de junho de 1999, que dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas. O artigo prevê que “cabe à missão das Forças Armadas, como atribuição subsidiária geral, cooperar com o desenvolvimento nacional e a defesa civil, na forma determinada pelo Presidente da República” (BRASIL, 1999, p. 3). Para auxiliar no processo de mudança do cenário do quartel, convidei alguns/mas educadores/as para realizarem palestras, oficinas e promover vivências que elucidaram a importância do desenvolvimento das atividades.

### **Cronograma de atividades desenvolvidas no quartel**

Para dar início às atividades, foi necessário contar com a expertise de militares voluntários/as, pois não havia efetivo dedicado exclusivamente para este fim. Neste sentido, contávamos com verdadeiro “exército da boa vontade”: pedagogos/as, professores/as de Educação Física, Inglês, Português, Música, Educação Ambiental, Jiu-jitsu, Judô, Matemática, nutricionistas, fonoaudiólogos, médicos/as e dentistas.

A seleção das atividades oferecidas aos/às estudantes passou por dois momentos. O primeiro foi programado para o ano de 2019, a partir das competências dos profissionais que se elegeram como voluntários. Foram realizadas oficinas de iniciação esportiva, lutas, ordem unida, educação ambiental, iniciação musical e palestras com profissionais de várias especialidades.



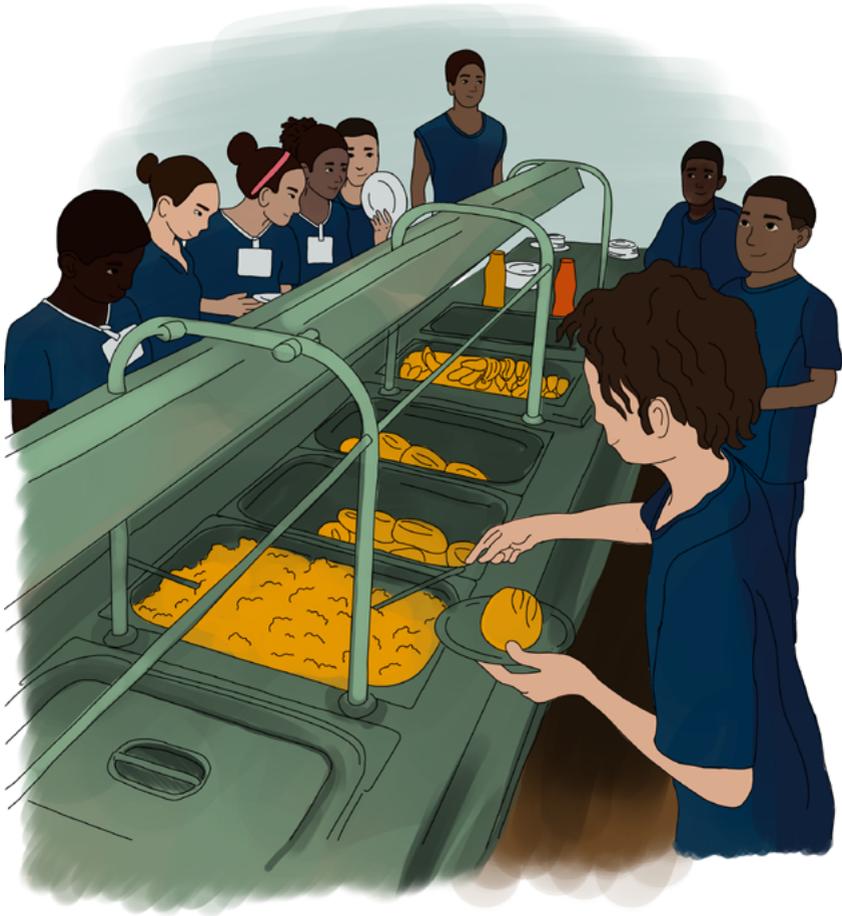
Aula de luta



Aula de música

Para o ano seguinte, o planejamento previa a participação da comunidade escolar na escolha das atividades, considerando-se que a prefeitura renunciava a contratação de professores/as para atuarem no PROFESP. As aulas eram ministradas nas segundas, quartas e sextas-feiras e seguiam o calendário da Organização Militar (OM), em conjunto com o calendário escolar do município. A rotina dos/as alunos/as estava estruturada, conforme o Quadro 1. Na Figura 18, os alunos no café da manhã.

Horário	Atividade
06:30	Deslocamento Escola/CIAAR
07:30	Café da Manhã
08:30	Oficina 1
09:30	Oficina 2
10:30	Almoço
11:30	Deslocamento CIAAR/Escola



Café da manhã no CIAAR

### **Algumas reflexões sobre a minha prática pedagógica no Profesp**

Realizar a gestão de um projeto social foi um dos momentos mais significativos da minha prática pedagógica. Embora fosse grande o número de tarefas administrativas, requeridas pela função, era gratificante perceber a alegria das crianças ao chegarem no ginásio. Quanto à coordenação esportiva e pedagógica, pude contar com uma equipe de professores/as engajada e comprometida com a transformação social dos/as alunos/as.



Equipe de Coordenação do PROFESP CIAAR

Pensar a presença da Educação Física na escola pressupõe a compreensão de que ela é construída na e, ao mesmo tempo, construtora da cultura escolar. Isso exige que seus professores estejam plenamente envolvidos com o projeto pedagógico da escola em que atuam, sensíveis ao diálogo crítico com a realidade social e com as crianças, com suas necessidades e seus interesses, e sempre atentos à dimensão cultural das práticas corporais de movimento (DEBORTOLI et al., 2002, p. 94).

As aulas de Educação Física começavam com a roda de conversa. Nela os/as alunos/as construía(m), junto com os/as professores/as, os caminhos a serem trilhados naquele dia. Optamos por desenvolver um trabalho que permitisse a autonomia dos/as estudantes por meio do desporto educacional (FIGURA 20). Para orientar as ações, seguimos o que preceitua a Lei 9.615, de 24 de março de 1998, item I, artigo 3º, sobre a natureza e finalidade do desporto:

O desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer (BRASIL, 1998, p. 2).



Roda de conversa na aula de Educação Física

No ano de 2019, optamos pela iniciação esportiva como a possibilidade de dialogar com a cultura dos/as alunos/as.

Os corpos humanos guardam e expressam histórias de cada um, histórias partilhadas, histórias de humanidade, histórias da humanidade. O corpo não é, assim, algo que possuímos “naturalmente”. Nem é somente uma construção pessoal, mas também sociocultural: ele é suporte e expressão máxima de uma dada cultura (e são infinitas as expressões culturais de povos distintos marcadas nos corpos) (VAGO, 2009, p. 33).

Estiveram presentes os jogos e as brincadeiras, o voleibol, o futebol, o handebol, o basquete, o atletismo e as lutas. Durante as aulas, os/as alunos/as sempre traziam novidades: ora o passinho tomava conta das comemorações de um ponto marcado, ora os/as alunos/as começavam a cantar um funk. Eu estava sempre aprendendo – dançando e cantando com eles/as.



#### Aula de Educação Física

Enquanto coordenadora do programa, podia transitar entre as oficinas e acompanhar de perto o trabalho desenvolvido pelos/as meus/minhas colegas professores/as. Possibilitar a autonomia dos/as alunos/as pela reinvenção dos jogos e brincadeiras e realizar a escuta acolhedora de seus anseios, eram os pontos de maior destaque no trabalho que desenvolvemos.





Roda de conversa com a pedagoga do PROFESP CIAAR

Também tivemos desafios. Foram muitos os momentos de tristeza, entre o grupo de professores/as, quando alguma criança estava doente ou vítima das mazelas, oriundas da vulnerabilidade social. Nestes casos, atuamos em conjunto com a Diretoria de Desenvolvimento Social do município, para resguardar os direitos destas crianças. Entretanto, a sensação de impotência surgia quando enfrentávamos o nosso maior oponente: a evasão escolar.

Mesmo com os esforços coletivos realizados pela nossa equipe e a equipe da prefeitura, era alto o índice de evasão. No sentido de reverter esse panorama, foram realizadas visitas nas casas dos/as alunos/as faltosos/as. Em algumas delas, a equipe da prefeitura obteve êxito. Porém, em outras, alguns pais/responsáveis não atendiam, como também foram identificados casos que necessitaram de intervenção do Conselho Tutelar.

Reconheço que o Programa Forças no Esporte se constitui enquanto uma importante ferramenta na transformação social de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. No que diz respeito ao quantitativo de crianças atendidas, percebo a necessidade de ampliação deste número, seja utilizando os espaços dos quartéis bem como outros espaços de esporte e lazer da cidade, tanto públicos quanto privados. Considero que o mais importante é que cada vez mais crianças sejam assistidas de forma respeitosa, acolhedora e que sejam oportunizadas experiências capazes de transformar a forma como elas veem o mundo.



Alunos/as do PROFESP CIAAR (em apresentação cultural junto com banda de música)

## **A importância da formação continuada na minha prática pedagógica no PROFESP**

Compreendo o conceito de formação continuada de professores e professoras, enquanto possibilidade de desenvolvimento profissional.

“Desenvolvimento” tem uma conotação de evolução e continuidade que parece superar a tradicional justaposição entre formação inicial e aperfeiçoamento dos professores. Por outro lado, o conceito de desenvolvimento profissional dos/das docentes pressupõe uma abordagem de formação de professores/as que valorizam o seu caráter contextual, organizacional e orientado para mudança (DAMASCENO; MONTEIRO 2005, p. 197).

Pensar e fazer a formação de professores envolve considerar condições situacionais e conscientizar-se das finalidades dessa formação, considerar os porquês, o para quê e o para quem é realizada essa formação, assumindo compromissos éticos e sociais (GATTI, 2017, p. 721). Dentre os cursos de formação que realizei destaco aqueles que tiveram maior relevância para a minha prática pedagógica no PROFESP: o Curso de Especialização em Educação e Docência – Área Educação Infantil, da FAE/UFMG e as disciplinas que eu cursei do Curso Especialização em Gestão Pública da UFJF. Os conhecimentos adquiridos nas áreas de educação e gestão auxiliaram na condução das minhas ações e foram o diferencial para atuar na coordenação esportiva e nas funções administrativas do programa.

Enquanto militar, tive a oportunidade de realizar alguns cursos ofertados pela Força Aérea Brasileira (FAB), destacando-se o Curso de Formação de Tutores (CFT), o Curso de Prática de Ensino (CPE), o Curso de Preparação de Instrutores Militar (CPI-M) e o curso de Pesquisa e Aquisição de Material (PAM) e Termo de Referência. No CIAAR, participei dos encontros e simpósios nacionais em que foram discutidas metodologias ativas de aprendizagem, tecnologia aplicada ao ensino e outros temas relevantes para o direcionamento das nossas atividades. Como desdobramento desses aprendizados, planejamos algumas ações, como a implantação de um laboratório de informática e robótica, salas de aula com mobiliário e recursos pedagógicos que permitissem a autonomia dos/as estudantes e também a aquisição de um parquinho para as crianças.

Durante os anos de 2018 a 2022, realizei as “capacitações” ofertadas pela coordenação nacional do PROFESP. Em 2018, o encontro foi em Brasília. Participei das oficinas práticas de esportes de raquete, judô e circo. Além disso, também aprendi sobre a operacionalidade da plataforma online que funcionava como banco de dados para a gestão do programa.

Nos anos de 2020 a 2022, participei das “capacitações” do PROFESP que ocorreram no formato virtual, em virtude da pandemia. Foram momentos de muito aprendizado, com profissionais que possuem uma grande bagagem profissional e acadêmica. Um dos diferenciais que percebi neste momento de formação foram as palestras gravadas no YouTube, no canal do PROFESP, constituindo-se como importante ferramenta de consulta para orientar os trabalhos realizados nos núcleos.

O contato com outros/as professores/as e a partilha de experiências, durante os intervalos das capacitações, foram os momentos de maior aprendizado.

A necessidade de construir um sentido de formação continuada que não esteja interligado à ideia de que o professor vivencia esses lugares para se “capacitar”, mas entendê-lo como mais um dos múltiplos contextos de formação que o permitam problematizar o sentido que atribui à sua prática, entendendo-a como produtora de teoria. Isso resulta em mudança nas relações estabelecidas, em que os professores passem de espectadores a autores, corresponsáveis pelo processo de formação (LUIZ et al, 2015, p. 101).

As experiências de formação continuada sempre agregaram conhecimento e novas possibilidades de ação na minha prática pedagógica. Entretanto, em sua maioria, houve momentos em que percebi a não valorização dos/das professores/as, enquanto protagonistas do seu processo de formação, e a falta de reconhecimento da escola enquanto espaço que propicie a reflexão sobre os dilemas que o exercício profissional enfrenta no cotidiano escolar.



## PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO PROFESP: A MINHA EXPERIÊNCIA

*“A importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”*

*Manoel de Barros.*

Meus colegas de trabalho e eu ingressamos na FAB como militares temporários, ou seja, que atuam por um período limitado a oito anos de serviço. Até o presente momento, a especialidade Educação Física não está presente no quadro de carreira da FAB. Ingressar como oficial da Força Aérea, da Especialidade em Educação Física, me trouxe nova visão sobre a organização da prática docente e a profissão militar. Antes de ingressar na FAB, a minha rotina de trabalho iniciava às 7h e terminava por volta das 22h. Aos finais de semana sempre estava organizando/participando de algum evento nas academias ou nas escolas. Quando fui informada que o horário de expediente no quartel era das 8h às 16h, não acreditei. Significou um salto na minha qualidade de vida, mesmo tendo que participar de algumas escalas de serviço 24h. Para mim, um dos maiores atrativos da carreira militar refere-se à equidade salarial, pois o militar recebe o soldo a partir do posto ou graduação que ocupa. Por exemplo, o profissional oficial 1º Tenente, receberá a mesma remuneração, seja ele médico, dentista, engenheiro, arquiteto, pedagogo, aviador, intendente ou professor/a de Educação Física. Atualmente, fora do contexto militar, a remuneração do/a professor/a está aquém do valor considerado justo, em virtude da importância da função desempenhada por este/a profissional.

Durante o período em que atuei no PROFESP, as aulas de Educação Física eram ministradas por professores/as militares voluntários/as, ou seja, além de atuar no projeto eles/as também desempenhavam funções administrativas e na docência. O corpo docente era constituído por profissionais com formação acadêmica em nível de especialização, mestrado e doutorado.

<b>Formação</b>	<b>Quantidade de professores/as</b>
Doutorado	3
Mestrado	2
Especialização	2

Tabela 1 – Titulação acadêmica dos/as professores/as de Educação Física do PROFESP

A rotina de atividades no quartel demandava muita dedicação, pois estava atrelada a prazos de execução que exigiam energia para o cumprimento em tempo hábil. Neste viés, quando organizávamos reuniões pedagógicas para tratar assuntos do PROFESP, nem todos/as professores/as podiam participar, pois estavam incumbidos de resolver outros assuntos ou participando de alguma escala de serviço militar. “A experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho” (LARROSA, 2002, p. 4).

Sobre os/as professores/as de Educação Física, que atuam no PROFESP, acredito que a maior parte dos/as profissionais possui a sua prática pedagógica invisibilizada. Seja pelo acúmulo de funções, que impossibilita a realização de tempos/espacos para a reflexão sobre a própria prática; bem como pela carência de estudos que investigam a atuação do/a professor/a de Educação Física, no contexto de projetos sociais realizados em organizações militares.

Para conhecer os trabalhos realizados, que abordam a temática do PROFESP, foi realizada uma busca no portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Google Acadêmico. A busca utilizou os descritores “PROFESP” e “Forças no Esporte”. Considerou-se o período de 2003 a 2023, pois o programa foi implementado em 2003. Foram encontrados dezenove trabalhos, realizados entre 2013 e 2022, sendo dez artigos, três trabalhos de conclusão de curso, três monografias de graduação e duas dissertações. Este material se caracteriza como importante ferramenta para compreensão das atividades desenvolvidas no programa. Os/as autores/as dialogam com diversos temas, tais como: ação socioeducativa, política pública, importância do professor/a de Educação Física, atividades desportivas e pedagógicas, inclusão social, moral, ética e cidadania, detecção de talentos, valores humanos, motivação, psicologia e processo de militarização da sociedade brasileira. O material analisado está no *Apêndice A*. Não identifiquei estudos que abordam a questão das experiências de formação dos professores/as de Educação Física que atuam no PROFESP.

Ao mesmo tempo em que pude constatar essa lacuna nos estudos, eu já intuía, por minha própria experiência como professora no PROFESP, que seria interessante desenvolver um trabalho que olhasse para as experiências de formação de outros/as professores/as em um processo que fosse investigativo e formativo ao mesmo tempo, viabilizando um diálogo entre as nossas experiências.

Sendo assim, este estudo buscou compreender, por meio de memoriais de formação produzidos em encontros de uma *pesquisaformação* inspirada na documentação narrativa de experiências pedagógicas, as experiências de formação dos/as professores/as de Educação Física do PROFESP, dialogando com as singularidades destes/as profissionais que se constituem enquanto potências, carregam diversos saberes e permeiam uma pluralidade de culturas, cujas vozes ainda são pouco conhecidas.

À medida que as histórias partilhadas por professoras e crianças podem ser contadas e apropriadas, abrem-se perspectivas para que determinados discursos possam ser reconhecidos e superados. Nesse sentido, ao pensar a formação de professores, cabe refletir que, além da importância de compreensão de pressupostos e concepções teóricas, torna-se fundamental recuperar a condição de sujeitos na produção dos significados das práticas e das relações pedagógicas e, por isso, inseparáveis da compreensão dos discursos e dos lugares sociais, onde se revelam e podem ser decifradas (DEBORTOLI, 2008, p. 104).

São precários os resultados e efeitos que, em geral, têm os documentos que pesquisadores e professores universitários produzem, por encomenda das administrações dos sistemas de ensino, para atualização e aperfeiçoamento do sistema ou dos profissionais de educação: diretivas curriculares, programas de ensino, propostas de nova organização do ensino etc. (SOARES, 2003, p. 81).



Por esta perspectiva, o estudo foi realizado por meio da escuta sensível junto ao/outro/a, de forma coletiva e atenta aos detalhes despercebidos nos outros modos de pesquisar. A construção de um modo outro de pesquisar se deu na caminhada que percorri no Mestrado, em que aos poucos fui me reconhecendo como pesquisadora narradora. É importante ressaltar que isso foi um processo, que não é simples produzir uma pesquisa com essa perspectiva. No ano de 2020, ao ingressar no Mestrado Profissional Educação e Docência (PROMESTRE), deparei com grande lista de disciplinas que me causaram encantamento e dúvidas (FIGURA 25). Encantamento pelas possibilidades de estudar temas relevantes na área de Educação. E dúvidas porque a ementa continha um breve resumo sobre os temas abordados e eu não conhecia a maioria dos/as professores/as tampouco como os conteúdos contribuiriam para a escrita deste trabalho.

Matrícula					
Turma	Tipo Turma	Horário	Créditos	Ofertante	
DIP FAE705 OP3 ESCRITA CIENTIFICA	TEÓRICA		2	142821 FAE - EDUCACAO E DOCENCIA/MP	
DIP FAE942 SP3 SEMINARIO DE PESQUISA III: ORIENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	PRÁTICA	Semana 1 a 17 : 14:00 às 17:40	2	142821 FAE - EDUCACAO E DOCENCIA/MP	

Histórico Escolar do Aluno				
Atividade	Natureza	Créditos	Situação (	
DIP FAE714 - TÓPICOS EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA		02	A	
DIP FAE937 - SUJ. DA EDUCAÇÃO, ESC. E IDENT. SOCIAL		02	A	
DIP FAE938 - CONHEC., LING. E INTER. EM SALA DE AULA		02	A	
DIP FAE939 - METODOLOGIA DE PESQUISA		02	A	
DIP FAE940 - SEM. DE PESQ. I: ANÁL. DA PRÁT. PEDAGÓGICA		02	A	
DIP FAE988 - DIDÁTICA E DOCÊN.O ENS.COMO OBJ. DE EST.		02	A	
DIP FAE709 - TÓPICOS EM EDUCAÇÃO, ENSINO E HUMANIDADES		2	A	
DIP FAE714 - TÓPICOS EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA		02	A	
DIP FAE715 - TÓPICOS EM DIDÁTICA E DOCÊNCIA		02	A	

Oferta de disciplinas do Promestre

Dentre as disciplinas optativas ofertadas no primeiro semestre de 2020, uma delas me chamou atenção: DIP FAE 714: Tópicos de Ensino de Educação Física - Pesquisa Narrativa em Educação que, por sinal, era ofertada pelo meu orientador, Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Junior e pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Batista Faria. Realizei uma breve busca de textos e vídeos que abordavam o tema e pesquisei alguns dos principais estudiosos que utilizam

essa metodologia em seus trabalhos. Após o primeiro contato, me matriculei na disciplina para conhecer um pouco mais sobre a pesquisa narrativa. Ao longo dos estudos, teci minhas primeiras aproximações com os trabalhos de Delory-Momberger, Marie Christine Josso, Maria da Conceição Passeggi, Inês Ferreira de Souza Bragança, Walter Benjamin, Pierre Bourdieu, Guilherme do Val Toledo Prado, Daniel Suárez, Elizeu Clementino de Souza, dentre tantos outros/outras autores/autoras que se constituem como referências para a realização deste estudo.

Durante a disciplina, tive a oportunidade de escrever o meu memorial de formação. A primeira vez que realizei este exercício foi durante a escrita do projeto para ingresso no PROMESTRE. Porém, na disciplina, a realização desta atividade foi muito diferente. Primeiramente, porque os memoriais produzidos deveriam ser inseridos no Google Drive em um arquivo no qual todos/as tinham acesso, pois a disciplina estava ocorrendo no formato virtual. O título da primeira tarefa: “Como cheguei até aqui?”. Para a minha surpresa, os textos escritos não se limitaram ao formato convencional da dissertação, alguns/as colegas escreveram nos formatos de poesia e cordel e contaram as suas histórias de modo surpreendente. A segunda tarefa consistia em fazer a leitura oral e coletiva dos memoriais de formação. O fato de ler o texto em voz alta para meus/minhas colegas me trouxe reflexões que não havia percebido antes. Na terceira tarefa, realizamos comentários nos trabalhos que os/as colegas disponibilizaram no Google Drive. Os comentários foram essenciais para o adensamento das narrativas, especialmente porque contribuíram para a elaboração das ideias que seriam integradas às próximas versões dos memoriais de formação. Realizamos mais duas versões da escrita e foi gratificante verificar o amadurecimento do material produzido ao compararmos a primeira e a terceira versão. O processo de escrita coletiva propiciou um momento de formação. O grupo refletiu sobre a própria experiência, analisando questões importantes para a profissão docente, que poderiam ser compartilhadas tanto nos processos de formação inicial de professores/as, quanto em processos de formação continuada.



Nos estudos realizados por Assis (2020), foi mencionada a expectativa dos professores e das professoras em investir em formação para auxiliá-los na resolução dos problemas que se apresentam no cotidiano da escola, em especial, da Educação Física, considerando-se as demandas advindas da prática pedagógica. Segundo o autor, a busca pela formação continuada não se configurou no que podem oferecer, mas no que, na leitura dos professores e professoras, poderia dialogar com seus contextos de ensino, suas necessidades e expectativas, que podem ser apropriadas, objetivando responder às suas demandas. Por conseguinte, as narrativas produzidas por professores de Educação Física, no contexto de sua prática pedagógica, podem “evidenciar diferentes tipos de saberes construídos e mobilizados no cotidiano escolar” (ALMEIDA JUNIOR, 2011, p. 11).

Ao refletir sobre a formação continuada ao longo da minha trajetória, percebi a preocupação na atuação de diretores/as e coordenadores/as em trazer “formadores de fora” para ministrar cursos de capacitação profissional. A disciplina “Pesquisa Narrativa em Educação” me trouxe um novo olhar: a formação de professores e professoras direcionada para a valorização destes profissionais, enquanto protagonistas do seu processo de formação, e no reconhecimento da escola enquanto espaço que propicie a partilha dos saberes e a reflexão coletiva acerca dos dilemas que o exercício profissional enfrenta no cotidiano escolar.

## O CAMPO DE ESTUDOS DA PESQUISA NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA E A PESQUISA-FORMAÇÃO COMO ESCOLHAS PARA A CONSTRUÇÃO DE REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOS/AS PROFESSORES/AS NO CONTEXTO DO PROFESP

*A memória guardará o que valer a pena.  
A memória sabe de mim mais que eu.  
E ela não perde o que merece ser salvo.*

*(Eduardo Galeano)*

O presente estudo se constitui na perspectiva da *pesquisaformação* e se ancora no campo de estudos da pesquisa narrativa (auto)biográfica. Segundo Benjamin (1987, p. 198) “narrar é a capacidade de intercambiar experiências”. Para o autor, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

“Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p. 21). “As experiências que nos derrubam e transformam, inscritas na memória, são recriadas pela narrativa em um movimento reflexivo, potencialmente formador para aquele que narra e para os que ouvem” (BRAGANÇA, 2016, p. 11). “Essa metodologia, ao priorizar o humano e seus estatutos singulares, os movimentos de ver, escutar, sentir, elaborar e socializar conhecimentos ampliam as perspectivas de conceber/fazer pesquisa” (SOUZA; MEIRELES, 2018, p. 286). A narrativa vivenciada enquanto experiência formativa se adensa, possui longa duração e proporciona abertura para ser complementada por outros/as narradores/as, ela compartilha experiências e mobiliza memórias.

A pesquisa (auto)biográfica nasce do indivíduo, em sua inserção social, mediante modos próprios de biografização e de seus domínios social e singular. Da mesma forma, a temporalidade biográfica configura-se como outra vertente estruturante da experiência humana e das narrativas num tempo biográfico, ao explicitar territórios da vida individual e social, através das experiências vividas e narradas pelos sujeitos, implicando-se com princípios hermenêuticos e fenomenológicos que caracterizam a vida, o humano e suas diferentes formas de expressão e manifestação (SOUZA, 2014, p. 41).

Pensar em uma dinâmica de estudo em que pudesse me inserir, junto ao coletivo de professores/as, para tecer reflexões sobre as nossas experiências pedagógicas no PROFESP foi um processo motivador. Ao contrário do que seria se, durante a pesquisa, tivesse que me distanciar das pessoas sem a possibilidade de compartilhar as minhas indagações e formas de ver o mundo. O postulado da *pesquisiformação* é que “a intensidade dessa experiência pode produzir conscientização como processo que não pode ser ensinado, mas que é vivido de maneira pessoal pelo sujeito: um movimento que leva à busca de transformação” (BRAGANÇA, 2012, p. 115).

Durante o ano de 2021, ao participar das reuniões do Laboratório de Pesquisa em Experiências de Formação e Narrativas de SI/UFMG (LapenSI) conheci o livro “Caminhar para Si”, de Marie-Christine Josso. As discussões provenientes da leitura do livro foram importantes para a compreensão da metodologia empregada na *pesquisiformação*.

A pesquisa-formação se define, em primeiro lugar, como uma estratégia de conhecimento que abrange procedimentos de constituição de corpus de informações e procedimentos de análise. Ela se situa na corrente de uma metodologia de compromisso dos pesquisadores numa prática de mudança individual ou coletiva, que inclui um conjunto de atividades extremamente variadas, seja do ponto de vista a disciplina de pertença dos pesquisadores, seja do ponto de vista dos campos de operação, seja, enfim do ponto de vista dos objetivos de transformação (JOSSO, 2010, p. 101)

Realmente estava em busca de transformação. Mas essa transformação precisava ser construída em conjunto, trabalhada com a tessitura de várias mãos.

A *pesquisiformação* envolve experiência significativa de articulação de saberes, não busca a produção de um saber dicotomizado que futuramente “poderá ser aplicado” socialmente, mas o desenvolvimento da pesquisa pressupõe a mobilização de saberes, experiências e práxis vitais (BRAGANÇA, 2012, p. 115).

No período em que atuei no PROFESP foram raros os momentos em que pude conversar com os/as professores/as de outros núcleos, a respeito das minhas experiências no programa<sup>2</sup>. Deste modo, elegi a *pesquisiformação* como o caminho que me permitiu visualizar os horizontes dos/as meus colegas professores/as de Educação Física. Durante este processo, refletimos sobre experiências de formação que foram significativas na prática pedagógica no PROFESP e, de acordo com Faria (2018, p. 179), ao escolher a expressão experiência de formação, a autora enfatiza que “a formação se dá na e pela experiência dos sujeitos em imersão no mundo em que vivem, seja nos contextos em que se planeja educar (como a escola e a universidade), seja em outros contextos de suas vidas”.

---

<sup>2</sup> Em 2020, o PROFESP estava presente em cerca de 202 organizações militares, beneficiando quase 30 mil alunos/as (BRASIL, 2020).

Palavras de *pesquisafomação* que não se inscrevem somente em uma racionalidade crítica, mas que também se associam às sensibilidades e inteligibilidades delicadas e generosas porque em partilha e comunhão de pensamentos e sentimentos – *pesquisafomação* que não se faz só! E são os modos outros de escrita acadêmica que favorecem o não estar só...A partir de uma perspectiva narrativa, eivada da constitutividade de outrem, que esses modos outros de escrita acadêmica se fortalecem no esteio coletivo de uma comunidade de narradores que, além de ouvir seus pares, propõem uma leitura ímpar para cada narrativa produzida, fortalecendo a autoria narrativa e favorecendo a partilha respeitosa e crítica. Cada um dos textos, em sua singularidade e subjetividade, cada palavra recolhida do caldo narrativo construído na *pesquisafomação* revela uma narradora/um narrador que, por sentirem e estarem acolhidos no berço polifônico do grupo de pesquisa, expõe-se e põe-se a narrar de modo radical e íntegro a sua trajetória de *pesquisafomação* (PRADO, 2020, p. 308-309).

Para realizar esta *pesquisafomação*, enviei uma carta convite (APÊNDICE B) aos professores/as de Educação Física que atuam/atuaram nos núcleos do PROFESP, distribuídos em diversas localidades brasileiras, utilizando uma rede social. Nela, apresentei a proposta para participarem do grupo de estudos virtual e realizar a escrita coletiva de memoriais de formação que, posteriormente, seriam publicados no formato de livro eletrônico. Sete professores/as responderam com interesse em participar do estudo. Os critérios para participação foram: ser professor/a de Educação Física e ter atuado no PROFESP.

Em seguida, foram organizados seis encontros síncronos coletivos e um individual. Atividades assíncronas também foram realizadas. A carga horária total foi de 40 horas.

Os encontros coletivos duravam, aproximadamente, duas horas e trinta minutos e o individual trinta minutos. Nas atividades assíncronas, utilizamos uma rede social para envio de mensagens, mantendo contato permanente. O aplicativo Google Drive foi utilizado para o compartilhamento da escrita dos memoriais e para a realização dos comentários do grupo, durante o processo de elaboração do material. Utilizamos a Plataforma Microsoft Teams para as atividades síncronas.

Na Tabela 2 o perfil do grupo, pela aplicação do questionário, disponível no *Apêndice C*<sup>3</sup>.

Idade	Cidade	Titulação	Tempo docência (anos)	Tempo de atuação no Profesp (anos)	Função
41	Brasília/DF	Especialização em Treinamento Desportivo e Atividade Física Adaptada	Entre 15 e 20	Entre 5 e 7	Coordenador Esportivo; Professor de Educação Física
40	Pirassununga/SP	Doutorado – Ciências do Desenvolvimento Humano	Entre 15 e 20	Entre 7 e 10	Coordenador Esportivo; Coordenador Pedagógico; Professor de Educação Física
46	São José dos Campos/SP	Graduação	Entre 15 e 20	Entre 1 e 2	Coordenador Esportivo; Professor de Educação Física
36	Curitiba/PR	Mestrado – Teologia e Sociedade	Entre 10 e 15	Entre 2 e 5	Coordenador Esportivo; Professor de Educação Física
31	Rio de Janeiro/RJ	Mestrado – Educação Física	Entre 7 e 10 anos	Entre 2 e 5	Coordenadora
49	Lagoa Santa/MG	Mestrado – Psicologia multidisciplinar com estudo no esporte	Mais de 20 anos	Entre 2 e 5 anos	Coordenador de Núcleo; Coordenador Esportivo; Professor de Educação Física

Para a realização dos encontros síncronos propusemos algumas atividades, tais como a leitura prévia de artigos acadêmicos, capítulos de livros, assistir a um documentário e ouvir podcasts. O cronograma e as referências utilizadas na *pesquisaformação* foram se ajustando de acordo com as necessidades do grupo, em conjunto com as percepções da pesquisadora e seu orientador. As atividades assíncronas consistiam na escrita do memorial de formação, na leitura e no comentário dos materiais elaborados pelos colegas.

A versão final do cronograma de encontros e atividades está no Apêndice D – Cronograma dos Encontros de Formação.

A realização da *pesquisaformação* foi inspirada nas estratégias metodológicas, utilizadas na documentação narrativa de experiências pedagógicas (SUAREZ, 2007; 2016).

<sup>3</sup> Um dos colaboradores do estudo não respondeu ao questionário.

É possível delimitar uma série sucessiva e recursiva de “momentos metodológicos” que permite a descrição mais pormenorizada do trajeto de trabalho pedagógico que traz na documentação narrativa a compreensão mais profunda acerca de como os docentes narradores participam ativamente em cada uma das instâncias. Esses momentos sucessivos e recursivos são: a) a geração de condições políticas, institucionais e pedagógicas adequadas para a investigação-formação docente participativa; b) identificação e seleção de experiências a documentar; c) escrever e reescrever diferentes versões do relato de experiência; d) leitura, comentários e conversas a respeito das sucessivas versões dos relatos, quer dizer, a “edição pedagógica”; e) a publicação dos relatos e f) a circulação dos documentos narrativos em circuitos de recepção especializados (SUAREZ, 2016, p. 485, tradução nossa).

Durante as leituras dos trabalhos deste autor, percebi convergências em suas proposições metodológicas que foram adaptadas para a realização deste estudo. Em relação às condições políticas, institucionais e pedagógicas, adequadas para a pesquisa formação docente participativa, o primeiro direcionamento foi enviar carta de anuência para a Coordenação Geral pelos Programas Sociais pelo Esporte, do Ministério da Defesa (APÊNDICE E). O envio da carta gerou muitas tensões, pois o foco da pesquisa se desenvolveria no ambiente militar e havia a possibilidade da devolutiva negativa, por parte da instituição. Entretanto, segui confiante, pois acreditava na relevância do estudo, inclusive para desmistificar alguns estereótipos que se propagaram, ao longo do tempo, sobre o militarismo brasileiro. A devolutiva foi favorável e nos constituímos em potente grupo e, desde o primeiro momento, traçamos o objetivo de compartilhar um saber que se complementa e fortalece os laços criados.

A seguir, convidamos você a percorrer junto conosco os textos produzidos, como produção de memória das experiências realizadas no PROFESP por estes/as professores/as, permitindo que as suas práticas pedagógicas e experiências de formação, antes invisibilizadas no cenário profissional e acadêmico, se tornem importantes instrumentos de formação.

# APÊNDICES

Pesquisas sobre o PROESP					
Nº	Autor (a)	Título	Tipo	Ano	Enfoque do Trabalho
1	FERREIRA, Wagner; SOFFNER, Renato Kraide	Uma experiência educativa sociocomunitária na Amazônia: o Projeto PROFESP do 3º Pelotão Especial de Fronteira (3º PEF) do Exército Brasileiro, na comunidade de Pacaraima, Roraima	Artigo	2013	Ação socioeducativa originada do projeto PROFESP do 3º Pelotão Especial de Fronteira.
2	SANTOS, Brenda Farias dos; GOLIN, Carlo Henrique; MELO, Rogério Zaim de.	O Programa Forças no Esporte (PROFESP) na Fronteira Brasil-Bolívia	Artigo	2021	Evidenciar pesquisas acerca do Programa Forças no Esporte (PROFESP), vertente do Programa Segundo Tempo (PST), desenvolvido pelas Forças Armadas.

3	SANTOS, Brenda Farias dos.	O Programa Forças no Esporte (PROFESP) na Fronteira Brasil-Bolívia	Dissertação	2022	Identificar a aplicabilidade dos PROFESP, enquanto política pública, desenvolvido pelas Forças Armadas Brasileiras (Marinha e Exército) na região de fronteira Brasil-Bolívia, a partir dos discursos dos envolvidos no referido Programa.
4	SILVA, Rildson Alves Medeiros da.	O programa forças no esporte (PROFESP) e o desenvolvimento de crianças e adolescentes frente à prática esportiva: análise da experiência de estágio	Monografia (Graduação)	2021	Refletir acerca da importância do profissional de Educação Física no âmbito do PROFESP da Marinha do Brasil e a relação deste com o desenvolvimento e melhoria na qualidade de vida das crianças e adolescentes inscritas no Programa.

5	MICALIS KI, Emerson Liomar; MACHADO, Karine Mendes; FIGUEIRÔA, Kátiuscia Mello.	O PROFESP em Curitiba: uma parceria das forças armadas com a Secretaria Municipal da Educação	Artigo	2020	Apontar as atividades desenvolvidas no programa PROFESP, realizadas nos núcleos militares de Curitiba, em parceria com a Secretaria Municipal da Educação.
6	MARTINS, Januzzi Andréa.	Programa forças no esporte na base aérea de Natal: a integração entre a educação escolar e a prática desportiva na socialização de jovens em situação de risco	Artigo	2015	Investigar as atividades desportivas e pedagógicas desenvolvidas na Base Aérea de Natal – BANT no âmbito do Programa Segundo Tempo/Programa Forças no Esporte – PST/PROFESP no que concerne ao reflexo no desempenho escolar dos alunos matriculados na rede pública de ensino, do município de Parnamirim/ RN, e assistidos pelo Programa.

7	SILVA, André Luiz Guimarães da	A inclusão social propiciada pelo programa força no esporte (PROFESP) na área do comando militar do sudeste (CMSE)	Trabalho de Conclusão de curso	2019	Aborda a Inclusão Social propiciada pelo Programa Forças no Esporte (PROFESP) na Área do Comando Militar do Sudeste.
8	FERREIRA, Ramon Vilas Boas.	Moral, ética e cidadania no contexto escolar: perspectiva de um trabalho transversal com os alunos do PROFESP como prática sociocultural.	Artigo	2013	Levantar a perspectiva dos resultados do trabalho transversal da temática: Ética, Moral e Cidadania, realizado pelo Programa Forças no Esporte gerido pelo 53º Batalhão de Infantaria de Selva, no Município de Itaituba/PA em 2015, e de que forma o contribuiu com a disciplinarização e melhor inserção social de crianças e adolescentes, moradores de áreas de risco da Rede Pública de Educação.

9	GUIRRA, Frederico Jorge Saad; CASTELL ANI FILHO, Lino.	Direita, volver! Forças no Esporte e na educação: a militarização da sociedade brasileira em marcha.	Artigo	2020	Analisar o processo de militarização da sociedade brasileira a partir das interrelações presentes nas políticas governamentais educacional e esportiva.
10	GUIRRA, Frederico Jorge Saad; CASTELL ANI FILHO, Lino.	Segundo tempo-forças no esporte: O esporte de alto rendimento como legado dos JMMS	Artigo	2017	Analisar e mostrar que a participação dos militares em importantes programas esportivos do Governo Federal, como o Programa Forças no Esporte – Segundo Tempo -, também serviu de instância de sustentação do esporte olímpico nacional e meio de expansão do esporte de alto rendimento, derrubando a tese de sua utilização como elemento de democratização do esporte.

11	PIMENTEL, Marcus Vinicius Scussiato.	Programa Criança Feliz e Forças no Esporte	Mono grafia	2019	Pesquisar os pontos de confluência e possibilidades de interação sinérgica dos citados empreendimentos sociais, ambos voltados para a infância.
12	CARMO JÚNIOR, Valdivino José do.	A detecção de talentos esportivos no Programa Forças no Esporte	Artigo	2022	Examinar o meio que o Programa Forças no Esporte (PROFESP) proporciona a detecção de talentos esportivos e sua relação com o desenvolvimento nacional.
13	SOARES, Anny Karolayne Fonseca	Valores Humanos: um diálogo com a prática esportiva de adolescentes no Projeto Segundo Tempo-Forças no Esporte	Dissertação	2022	Analisar os valores humanos, estimulados pela prática esportiva no Programa Segundo Tempo-Forças no Esporte, realizado na ERMN, à luz dos olhares dos participantes, professores/monitores, coordenador e familiares.

14	FARO, Lívia Oliveira de.	Relato de uma intervenção pedagógica no programa Forças no Esporte à luz do Provinha Brasil	Mono- grafia (Grad- uação)	2013	Caracteriza o Programa Forças no Esporte, em geral, e sua implementação na unidade em que o pesquisador trabalhou. Apresenta os objetivos e o escopo da Provinha Brasil e os resultados de sua aplicação no âmbito da unidade do Programa Forças no Esporte. Relata a experiência de intervenção pedagógica vivenciada pelo autor, indicando os recursos que utilizou e apresenta as autocríticas que conseguiu realizar até a conclusão do trabalho.
15	SOUZA, Jéssica Natália de.	Efeitos socioculturais da prática de futebol para alunas do Programa Segundo Tempo Forças	Trabal- ho de Concl- usão de Curso	2019	Refletir sobre os efeitos socioculturais da prática do futebol para as meninas participantes do Programa Segundo Tempo Forças no

		no Esporte			Esporte (PROFESP)
16	SOARES, Anny Karolayne. SURDI, Aguinaldo César.	A inclusão através da construção de valores humanos na prática esportiva no programa segundo tempo-forças no esporte (PROFESP)	Artigo	2021	Analisar a inclusão a partir da construção de valores humanos na prática esportiva.
17	PEREIRA, Isabela Inês Leonardo.	Narrativas visuais: Sentido e Motivação do Adolescente no Programa Segundo Tempo - Forças no Esporte	Trabalho de Conclusão de Curso	2016	Identificar os sentidos e compreender a motivação dos adolescentes sobre o Programa Segundo Tempo Forças no Esporte, no núcleo da Estação Radiogoniométrica da Marinha em Natal, através da análise dos discursos produzidos a partir das fotografias realizadas pelos adolescentes.

18	ARAÚJO, Patrícia Chaves de; SANTOS, Anacleto Araújo.	Práticas corporais de aventura e o esporte orientação: em foco o Programa Segundo Tempo - Forças no Esporte	Pôster	2019	Descrever a vivência e aplicação do Esporte Orientação. O mesmo partiu por intermédio do Programa Segundo Tempo – Forças no Esporte (PST-PROFESP), como monitor de Educação Física, na Estação Rádio Métrica da Marina em Belém do Pará.
19	KALINK A, Isabelle Vasconcelos; PIERI, Rodrigo de Vasconcelos.	A psicologia do esporte em um programa social: o psicólogo como facilitador da relação professor-aluno	Artigo	2020	Relatar a experiência de uma acadêmica de psicologia em suas primeiras vivências como estagiária em psicologia do esporte.

# REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares de. Foto e Grafias: narrativas e saberes de professores/as de educação física. 2011. Tese (Doutorado em Educação em Educação) - Faculdade de Educação – UNICAMP.

ASSIS, Rodrigo Gavioli de. Dos professores de papel às lutas na escola: docentes narradores/as de suas experiências de ensino. Dissertação (Mestrado em Educação e Docência). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. OBRAS ESCOLHIDAS volume 1. Editora Brasiliense, 1987.

BORBA, Angela Meyer. Educação em foco. Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 139-156, set 2008/fev. 2009.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza Sobre a escrita de memoriais: caminhos de transformação. Memoriais de formação: narrativa e autoria no processo formativo docente / Aline Gomes da Silva, et al. (Org.). São Gonçalo: UERJ, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre o esporte e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF.

BRASIL. Decreto nº 10.085, de 5 de novembro de 2019. Dispõe sobre o Programa Forças no Esporte - Segundo Tempo e o Projeto João do Pulo. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, edição 215, p, 1-4, 6 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. Instrução Normativa DIPSE/DDM/SEPESD/SG/MD nº 1, de 23 de agosto de 2021. Manual do Programa Forças no Esporte (PROFESP) e Projeto João do Pulo (PJP). Brasília, 2021.

BRASIL. Comando da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. Portaria nº 2/1SC, de 26 de fevereiro de 2021. Aprova a reedição do Manual que dispõe sobre o Programa de Fortalecimento de Valores (MCA 909-1). Brasília, 2021.

CARVALHO, Levindo Diniz. Crianças e infâncias na educação (em tempo) integral. Educação em Revista, 2015.

DAMASCENO, Kelly Katia; MONTEIRO, Filomena M. de Arruda. Formação Continuada: uma contribuição para a construção de conhecimentos necessários à prática docente. In: Formação continuada de professores. VIII Congresso Estadual Paulista sobre formação de educadores. Unesp - Universidade Estadual Paulista - Pró-reitora de graduação, 2005.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Reflexões sobre as crianças e a educação de seus corpos no espaço-tempo de Educação Infantil. Revista Paidéia. Belo Horizonte, 2008.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; LINHALES, Meily Assbú; VAGO, Tarcísio Mauro. Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma Educação Física “para” e “com” as crianças. Pensar a Prática 5: 92-105, Jul./Jun. 2001-2002.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago, 2006.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação – UFBA.

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaçando o “novo” em Educação Física escolar a perspectiva de seus atores. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-134, jan./mar. 2011

FREIRE, Paulo. O Papel do Trabalhador Social no Processo de Mudança. In.: Educação e Mudança. São Paulo: Paz & Terra, 12ª edição, 1979.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 17, n. 53, p. 721-737, 2017.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: Pensando saídas do não-lugar da EF Escolar II. Cadernos de Formação RBCE, p. 10-21, mar. 2010.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Infância: entre a anterioridade e a alteridade. Porto Alegre: Educação e Realidade, v. 36, n. 2, p. 547-567, maio/ago. 2011.

LUIZ, Igor Câmara; MELLO, André da Silva; VENTORIM, Silvana; SANTOS, Wagner dos. Narrativas de formação continuada: sentidos produzidos por professores de Educação Física. Motrivivência v. 27, n. 44, p. 93-108, maio/2015.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, G. G., V. T.; SOLIGO, R. (Org.). Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. 2.ed. Campinas: Alínea, 2007. v.1, p.45-60.

SILVA, Bruna Saurin; SOUZA, Ana Cláudia Ferreira de; MARTINS, Mariana Zuaneti. Desafiando o abismo tradicional: uma aproximação entre práticas inovadoras e o modelo de educação esportiva no âmbito da educação física escolar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 2020; 42: e2023.

SOARES, Magda. Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos? In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa et al. Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto) biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. Educação. Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39- 50, jan./abr., 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. Revista Educação e Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro, v. 15, n. 39, 2018.

SUÁREZ, D. H.. Docentes, narrativa e investigación educativa: La documentación narrativa de las practicas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares. In: Sverdlick, I. et all. La investigación educativa: Una herramienta de conocimiento y de acción. Noveduc., 2007.

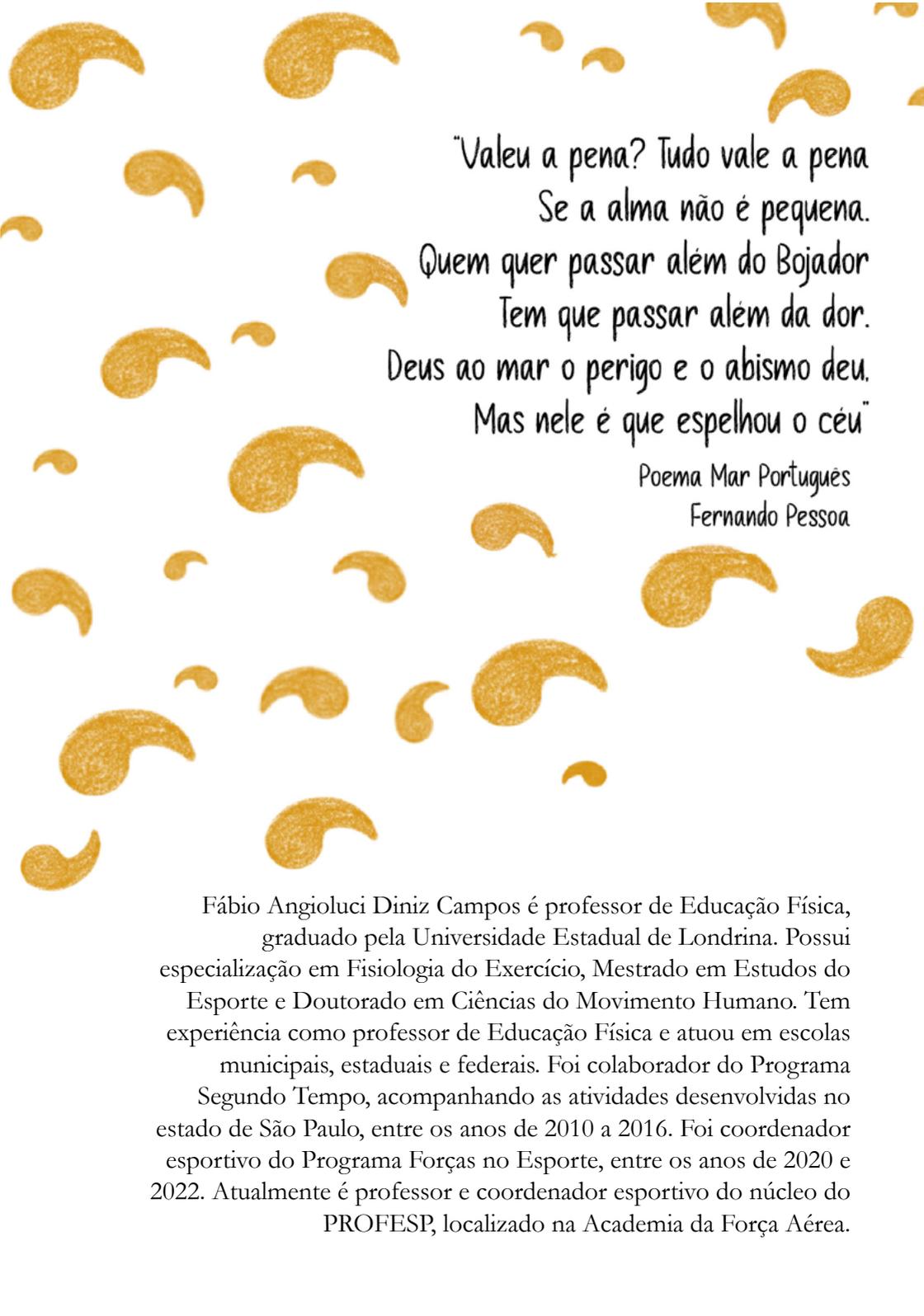
SUÁREZ, D. H. Escribir, leer y conversar entre docentes en torno de relatos de experiencia. Revista Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica, v. 1, n. 3, p. 480-497, 13 dez. 2016.

VAGO, T. M. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. Cadernos de Formação RBCE, p. 25-42, set. 2009.

# Fábio Angioluci

CONTO DE UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL:  
PARA ALÉM DOS LIVROS ACADÊMICOS



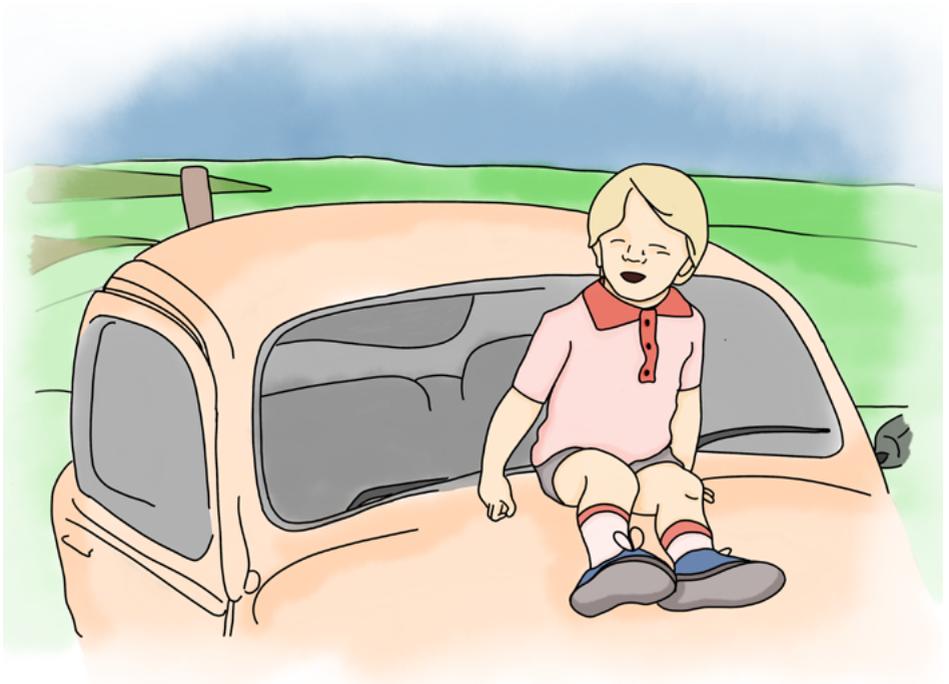


"Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu"

Poema Mar Português  
Fernando Pessoa

Fábio Angioluci Diniz Campos é professor de Educação Física, graduado pela Universidade Estadual de Londrina. Possui especialização em Fisiologia do Exercício, Mestrado em Estudos do Esporte e Doutorado em Ciências do Movimento Humano. Tem experiência como professor de Educação Física e atuou em escolas municipais, estaduais e federais. Foi colaborador do Programa Segundo Tempo, acompanhando as atividades desenvolvidas no estado de São Paulo, entre os anos de 2010 a 2016. Foi coordenador esportivo do Programa Forças no Esporte, entre os anos de 2020 e 2022. Atualmente é professor e coordenador esportivo do núcleo do PROFESP, localizado na Academia da Força Aérea.

Analisar o livro escrito em minha vida, até o presente momento, não é uma tarefa das mais fáceis. Ser o foco da própria investigação, baseado em fatos vivenciados e superados, até o presente momento é algo complexo de ser analisado. Refletir sobre os caminhos, escolhas, pensamentos, momentos bons e ruins é assunto que demandará da minha parte tempo, análises, reanálises e, acima de tudo, reflexões sobre a própria existência. Pensar em quanto ser humano e, em especial, deixar algo importante para as pessoas próximas, atualmente, tem sido o foco de minhas ações. Mas, para isso, ocorreram diversos momentos que me fazem ser o “eu” atual em comparação com o “eu” anterior. Não que mudamos da água para o vinho, mas aprendemos em um mundo diferente do anterior (referentes há tempos passados) a ressignificar nossas inquietudes.



A criança Fábio

Sobre essas inquietudes, sou um professor de Educação Física que busca essa ressignificação. Lembro-me, por intermédio de uma vaga lembrança, da primeira experiência que tive, numa competição de natação, quando tinha 4 anos. Não me lembro, nem meus pais, se ganhei ou perdi a competição. Atualmente, isso não importa mais, mas em um passado, não muito distante, isso era muito importante pra mim, sempre a vitória.

Frequentei boas escolas com a atuação destacada de bons professores de Educação Física. Esses professores concebiam o esporte apenas na perspectiva do rendimento. Esse fator evidenciava que todas as práticas esportivas, independentemente do local, também fossem realizadas visando superações, vitórias e recordes. Remeto-me agora ao professor Manoel Tubino, em um trecho importante do seu livro “Estudos brasileiros sobre o esporte educacional”.

Nas escolas, a reprodução do Esporte de Rendimento nas atividades esportivas significava uma deturpação de objetivos, pois, em vez de busca de uma formação educativa, os educandos eram estimulados à obtenção de resultados esportivos, muitas vezes em detrimento de preceitos educacionais. Todos os hábitos, inclusive os vícios éticos e até ilícitos, eram reproduzidos nos meios escolares (TUBINO, 2010).

Destacando esses vícios, lembro-me de uma competição de futebol regional que disputamos. Nessa competição, para um aluno acima da idade participar, o professor alterou o documento de identidade de um amigo meu. A época não tinha ideia, se isso era certo ou errado. Talvez pensasse que as outras equipes também faziam esse “ajuste” de idade. Hoje fica mais fácil e evidente pensar que a atitude tenha sido feita de forma errônea. Assim, o que passamos no dia de ontem nos fazem refletir o que somos no dia de hoje.

Sempre fui um aluno voltado às práticas esportivas. Por estudar em uma cidade do interior e não ter condições de desenvolver as melhores práticas esportivas especializadas, não pude seguir carreira como atleta profissional. Comparando-me com os outros estudantes das salas, sempre fui destaque nos esportes. Talvez esse fato não me fez ser um aluno especializado em nenhum esporte, o que hoje, agradeço imensamente.

Tenho muitas medalhas, aproximadamente 300. São de vários esportes: voleibol, basquetebol, tênis de mesa, atletismo, futebol, futsal entre outras dezenas de modalidades. Foram gincanas, torneios locais, regionais e estaduais. Desde a primeira medalha na natação até os dias atuais, sempre fui um aluno competitivo. Perder não faz e não fazia parte dos meus planos. Obviamente que aprender a ganhar e a perder, faz parte do processo. Problema está quando ferimos a dignidade humana em função de uma vitória ou derrota. Isso, ainda bem, espero nunca ter feito e não ter estimulado que os meus alunos o fizessem.

Falando em alunos, estava claro para mim e para todos ao meu redor que eu faria faculdade de Educação Física. Em algum momento no Colegial, atual Ensino Médio, pensei em fazer Medicina ou mesmo Geografia. Tive a decisão sábia naquela oportunidade. Prestei vestibular para Educação Física, na Universidade Estadual de Londrina. Na época, o vestibular era realizado no meio do ano e a vaga era reservada para o próximo. Isso fez que eu, no meio do 3º ano do Colegial, já tivesse garantido minha entrada na faculdade. Uma grande alegria. Ao mesmo tempo descuidei dos estudos e não consegui êxito nos vestibulares da Universidade de São Paulo e da Universidade Estadual Paulista.

Em Londrina, pude iniciar a graduação (2000 a 2003), morar fora de casa e entender o quanto era complexo isso. No primeiro dia de aula tivemos uma palestra com o Prof. Dr. Luiz Cláudio Reeberg Stanganelli a respeito do curso de Educação Física e das instalações da faculdade. Fez o convite aos, aproximadamente, noventa alunos para conhecerem o laboratório de avaliação física e fisiologia, do Centro de Excelência Esportiva. Naquele mesmo dia à tarde houve uma avaliação física dos atletas de futebol, da equipe do Londrina Esporte Clube, que disputava a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. De todos os alunos que ouviram a palestra inaugural, apenas eu fui conhecer o laboratório e auxiliar na avaliação. A partir desse dia frequentei diariamente o laboratório e, posteriormente, ser aluno bolsista. Aprendi muito com os Professores daquela instituição, em especial o Prof. Dr. Luiz Cláudio Reeberg Stanganelli, Dr. Antônio Carlos Dourado, Prof. Dr. Ronaldo Nascimento e Prof. Dr. Marcos Augusto Rocha, entre tantos outros. Sem contar a excelente gama de professores e educadores, altamente capacitados, que a instituição tinha em seus quadros de docentes naquele tempo.

Sempre me dediquei a todas as áreas relacionadas à Educação Física enquanto aluno de graduação. O curso foi um dos últimos abordando a formação integral, licenciatura plena, e não focando em uma ou outra área da Educação Física (licenciatura ou bacharelado). Entretanto, por estar vinculado ao laboratório e ao estágio, tive maior familiaridade e dedicação com as disciplinas voltadas à fisiologia do exercício, em contraponto às disciplinas mais relacionadas à Educação Física escolar.



Colegas de turma da faculdade de educação física

Enquanto aluno, participei de diversos campeonatos internos da instituição e estaduais, nas mais variadas modalidades esportivas. Como disse anteriormente, não fui expoente em nenhum esporte específico, mas medíocre, embora participasse com bastante garbo de vários esportes.

No meio do 3º ano da faculdade, por intermédio da coordenação do Prof. Dr. Ronaldo Nascimento, fui para Portugal, cidade de Lisboa, realizar um estágio de 30 dias na Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa. Nesse período, no ano de 2002, aproveitei a oportunidade para conhecer laboratórios, participar das aulas, frequentar congressos além de conhecer pessoas que pudessem abrir as portas do mestrado, quando terminasse a graduação. Tive muito contato com a Profa. Dra. Maria de Fátima Baptista e, após o período de estágio em 2002, ela fez o convite para eu realizar o mestrado, assim que terminasse a graduação.

No primeiro semestre de 2004, finalizando a licenciatura em Educação Física, com boas notas, sem nenhuma reprovação em disciplina, organizei a minha vida para ir para a Faculdade de Motricidade Humana. Foram meses de dedicação que culminaram na partida, em maio do mesmo ano. Em Portugal, faria o mestrado em Exercício e Saúde. Uma colega de faculdade, Alexandra, também foi comigo na mesma empreitada. A Profa. Fátima foi exímia pessoa na aceitação de dois estudantes e abriu as portas (faculdade e da própria casa) para dois brasileiros morarem na Europa.

Nesse momento, infelizmente, era muito imaturo e não soube entender que os momentos de dificuldade são necessários para a formação de qualquer pessoa. Em poucas semanas, resolvi retornar ao Brasil. Os estudos eram interessantes, mas gostaria de trabalhar com esporte. O mestrado que estava iniciando era relacionado ao sistema ósseo em tenistas juvenis portugueses, uma das linhas de pesquisa da Professora. Eu refletia que na UNESP, de Rio Claro, cidade que fica a menos de uma hora da cidade dos meus pais (Pirassununga), tinha, pelo menos, dois grandes professores que seguiam a linha de pesquisa que era próxima a mim. Então, porque estar em outro país, outro continente, para estudar algo que não era o “meu querer”. Esse momento foi o grande baque que me fez ficar por, pelo menos, seis meses (segundo semestre de 2004), recluso e pensativo sobre o que fazer da vida.

Em 2005 resolvi retornar aos estudos e morar em São Paulo. Iniciei a especialização em fisiologia do exercício, na Universidade Federal de São Paulo. Na época, era a pós-graduação mais renomada do país, com ótimos professores e profissionais ligados ao esporte. Como precisava de dinheiro para me manter em São Paulo (morava em república, com amigos), trabalhei em duas academias de musculação. Morava na Vila Mariana e todos os dias acordava às 4h50min para ir, de ônibus, até o Butantã, onde ficava a Academia Espaço Aberto. Iniciava às 6h30min e trabalhava até às 12h. Retomava para minha casa, descansava um pouco e às 18h entrava em outra academia, a BioRitmo, até as 22h. Dormia menos de cinco horas por noite neste período, de segunda a sexta-feira. Financeiramente não pagava minhas contas. Precisava me reinventar para sobreviver.



Dessa forma, atuei por um tempo como recreador de uma empresa aos sábados e domingos. A empresa prestava assistência em festas para famílias ricas de São Paulo e o necessário, de acordo com os próprios pais, era que nenhuma criança ficasse chorando no meio da festa (atrapalhando a conversa dos adultos) e que todas elas saíssem felizes. Talvez, esse tenha sido o primeiro ponto de desconexão entre os meus estudos e a necessidade de trabalho. Sempre fui uma pessoa proativa. E, nesse período, me reinventei como professor de Educação Física. Entreter e divertir crianças é algo muito simbólico.

Mas, como financeiramente estava insustentável morar em São Paulo, resolvi prestar um concurso público para Técnico Esportivo na Prefeitura de Iracemápolis. Estava em vias de finalizar a especialização, as portas dos grupos de pesquisa da UNIFESP não se abriram para mim e precisava ter mais tempo para estudar e, principalmente, conseguir um emprego público. Passei no concurso e no início de 2006 fui morar em Iracemápolis, cidade que fiquei por um ano. Trabalhei na Secretaria de Esportes, ministrando aulas de voleibol e condicionamento físico para a Terceira Idade, além de ajudar em outras atividades. Tive mais tempo para estudar e passei em um concurso para professor da Secretaria Estadual de Educação. Ao escolher a escola para trabalhar, mais uma mudança. Por indicação de uma professora, escolhi a Escola Estadual Prof. Celso Pacheco Bentin, localizada na cidade de Carapicuíba, fixando meu cargo/emprego.

Nessa nova instituição, um grande aprendizado. Teria pela minha frente a incumbência de ministrar aulas para crianças de 8 a 12 anos, de 16 diferentes salas, totalizando 32 horas/aula + Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) de trabalho semanal. Quando cheguei na escola, os materiais esportivos se limitavam a uma bola de handebol furada... Após o impacto inicial, destaco que foi mais um momento de muito aprendizado, na função de Professor/Educador de Educação Física. Foram quatro anos de muitas histórias. Ensinar às crianças que os conteúdos relacionados a essa disciplina, não se limitavam apenas da prática pela prática. Alunos que nunca saíam da sua comunidade foram levados a participar de campeonatos municipais e em outras cidades. Crianças e adolescentes que não sabiam a valorização e a importância da Educação Física, passaram a ter esse entendimento.

No decorrer da trajetória, em março de 2009, fui convidado pelo Prof. Luiz Cláudio para fazer parte de uma Equipe Colaboradora do Ministério do Esporte. Essa equipe era a responsável pela capacitação de profissionais e o acompanhamento do Programa Segundo Tempo (PST), no Estado de São Paulo. Demandeí muito tempo de estudos e pesquisas para entender a proposta do programa, bem como dialogar a respeito dos fundamentos pedagógicos. Ao todo, participei como palestrante de mais de 30 formações de professores e monitores que atuavam no programa. As formações tinham, como propósito, o diálogo da concepção das diretrizes do programa e o entendimento do Esporte Educacional. Entender que a prática docente deve cruzar o muro da prática pela prática e ter o entendimento que o esporte pode, e deve, ser auxílio no desenvolvimento humano de crianças e jovens.

Destaco aqui que todos os alunos e professores de Educação Física devem ler o livro “Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo – da reflexão à prática”, organizado pelo Prof. Dr. Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Profa. Dra. Gianna Lepre Perim. Esse foi o documento norteador do programa, embora fossem escritos diversos livros após esse. Como balizador da política educacional, voltada para o ensino esportivo de crianças e jovens, esse programa teve grande ascensão no Brasil. Todos os estados brasileiros possuíam núcleos, em diversas cidades, atendendo a população.

O acordo entre o Ministério do Esporte e o Ministério da Defesa, possibilitou que as ações de capacitação e acompanhamento do PST fossem inseridas no Programa Forças no Esporte. O Programa Forças no Esporte (PROFESP) é o desdobramento do PST do Ministério da Cidadania (MC), no âmbito das Forças Armadas, iniciado em 2003. Em 2015, o Ministério do Esporte, por intermédio da Secretaria Nacional de Lazer e Inclusão Social, organizou uma Equipe Colaboradora para ser responsável por essa atividade. Fui o vice-coordenador desta equipe, em 2015 e 2016. Realizamos diversas capacitações e reuniões técnicas para o aprimoramento pedagógico das ações do PROFESP, nos quatro cantos do Brasil. Pesquisamos a parceria com professores de diversas universidades brasileiras, reconhecidos na área da pedagogia desportiva, para auxiliar na condução das capacitações.



Capacitação pedagógica realizada em Salvador, BA



Capacitação pedagógica realizada em Salvador, BA

Voltando um pouco no tempo... Em março de 2014 iniciou-se o PROFESP na Academia da Força Aérea. Na época, trabalhava como 2º Tenente no Quadro de Oficiais convocados e fiz a implantação do Programa. Inicialmente, foi no Clube dos Suboficiais e Sargentos da Guarnição Aérea de Pirassununga. Éramos dois professores de Educação Física, voluntários, e atendemos, aproximadamente, 100 crianças, conforme a reportagem “Academia da Força Aérea recebe Programa Forças no Esporte pela primeira vez” (Disponível em: <https://www.fab.mil.br/noticias/imprime/17725/>).

Em 2017, o programa atendeu a 300 beneficiados e foi transferido para as instalações esportivas da Academia da Força Aérea. Foi pactuado um convênio com a Prefeitura Municipal de Pirassununga. Esse acordo previu obrigações e contrapartidas das instituições envolvidas. A prefeitura, por intermédio da Secretaria de Educação, identificou as escolas que seriam atendidas (com atenção à vulnerabilidade social), a contratação de professores de Educação Física e de voluntários que auxiliaram nas atividades. Essa parceria se estende até o presente momento, março de 2023. Por todas as atividades que desenvolvi nacionalmente, enquanto membro da Equipe Colaboradora do Ministério do Esporte, localmente na Academia da Força Aérea, fui agraciado com a Medalha de Mérito Desportivo Militar, em março de 2017.



Recebimento da Medalha de Mérito Desportivo Militar

Pedi afastamento do meu cargo de 1º Tenente, em janeiro de 2019, por ter passado em um concurso público no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, campus na cidade de Ceres, GO. Retirei-me do projeto localmente e da equipe gestora nacional. Atuei como professor no IF GOIANO por 1 ano, 10 meses e 28 dias. Após esse período o meu cargo foi redistribuído para a Academia da Força Aérea, tendo a incumbência de ser o Coordenador Esportivo Nacional do PROFESP, atuando na Equipe Gestora.

Em geral, baseando-me em todas as prévias experiências, como professor local do projeto e como colaborador da parceria entre o Ministério do Esporte e o Ministério da Defesa, tive a função de atuar como responsável pela capacitação pedagógica de todos os Recursos Humanos (RH) e no acompanhamento das atividades esportivas, realizadas entre novembro de 2020 e abril de 2022, no âmbito da Força Aérea Brasileira.

A diretriz basilar de minhas ações era considerar que o Esporte Educacional (Lei nº 9615, de 24/05/1998, publicado no Diário Oficial da União em 25/05/1998) é indicado para ser trabalhado em sistemas assistemáticos de educação (como é o caso do PROFESP), evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes tendo como finalidade auxiliar o desenvolvimento integral dos indivíduos e a formação para a cidadania e para o lazer, obedecendo os princípios da totalidade, coeducação, emancipação, participação, cooperação e regionalismo. Os esportes se apresentam como manifestações culturais que podem possibilitar condições para a ampliação do número de praticantes, pela sua condição atrativa, assim como sua riqueza cultural, agregando sentido e significado à construção da formação integral das crianças e dos adolescentes.





Alunos do PROFESP/AFA

O PROFESP, ao longo dos últimos anos, aprimorou administrativa e pedagogicamente, destacando-se o processo continuado de formação dos profissionais e professores envolvidos, por intermédio da concepção das assessorias, orientações, capacitações pedagógicas e do ciclo de formação continuada.

No início de 2021 foi realizada a 1ª Capacitação Pedagógica do PROFESP, no âmbito da FAB. Como responsável, realizei o convite a professores que são referências no Brasil e atuam em prol do Esporte Educacional, na função de palestrantes. Todas as palestras foram realizadas em formato online, com a participação de profissionais, professores, monitores e voluntários que atuam no projeto nas Organizações Militares da FAB. A capacitação foi aberta aos interessados pelo tema. Ao todo, 800 pessoas participaram da capacitação e receberam certificado, em 2021. No evento, ocorreu a participação efetiva dos integrantes da Marinha do Brasil e do Exército Brasileiro que atuam no PROFESP em suas organizações.

- A importância do Esporte no processo formativo da criança – Prof. Dr. Amauri Aparecido Bassoli de Oliveira – Universidade Estadual de Maringá.
- Esporte: Desenvolvimento Humano, Cultura e Educação – Profa. Dra. Vânia de Fátima Matias de Souza – Universidade Estadual de Maringá.
- Ensino dos Esportes Coletivos – Como pensar além da prática – Prof. Dr. Bruno Pasquarelli – Universidade Estadual de Campinas.
- Ensino das Lutas – Como pensar além da prática – Profa. Mestrandia Sabrina Vitória – Universidade Estadual de Campinas.
- Como pensar na inclusão para o ensino desportivo – Profa. Dra. Patrícia de Azeredo Orlando Bacciotti – Universidade Federal de São Carlos.
- Elaboração dos Planejamentos Pedagógicos de Núcleo – Prof. Dr. Fábio Angioluci Diniz Campos – Academia da Força Aérea.
- Conhecendo o terceiro setor e o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos – Sra. Talita Noé – Associação Beneficente Alda Miranda Matheus.
- Avaliação Projeto Esporte Brasil – PROESP – Prof. Dr. Adroaldo Gaya – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Prof. Dr. Júlio Brugnara Mello – Faculdade Sogipa.

Ainda no decorrer do ano de 2021, foi realizado o Ciclo de Formação Continuada. O evento ocorreu entre os meses de março e novembro, com palestras de temas emergentes que pudessem refletir os Rhs a respeito das atividades realizadas no dia-a-dia nos núcleos. O cronograma do Ciclo de Formação Continuada foi composto pelas palestras/palestrantes:

- Habilidades e competências no processo de ensino e aprendizagem dos esportes - Prof. Dr. Ricardo Santa Cruz – Universidade Estadual de Roraima.
- Programa de Formação e Fortalecimento de Valores – Ten. Cel. Wilices Dantas de Carvalho – Estado-maior da Aeronáutica.
- Cidadania – Therezinha Lage Dias Gomes – Instituto Asas para o Esporte, Cultura e Cidadania.
- A importância dos exercícios físicos na saúde da criança e do adolescente – Prof. Dr. Bruno Vespasiano – Universidade Metodista de Piracicaba.

- Protocolo de conduta para prevenção e manejo de situações que ameacem ou firam os direitos da criança e do adolescente – Profa. Magda Elaine de Oliveira e Profa. Luciana de Souza Pina Carizzio – Prefeitura Municipal de Anápolis.

- Pessoas (com deficiência): do Eles ao Nós – Prof a Renata Vargas de Carvalho Núcleo PROFESP Cajuzinho.

- A Cultura Corporal da Dança: Possíveis Diálogos no Programa Forças no Esporte – Profa. Mestre Roseane Monteiro-Santos – Universidade do Estado do Pará.

- Conversa sobre alimentação de crianças em projetos sociais – Profa. Dra. Ana Eliza Port Lourenço – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- A linguagem do educador – Profa Dra. Patrícia Unger Raphael Bataglia – Universidade Estadual Paulista.

Além destes eventos de formação e aperfeiçoamento, coordenei a orientação dos Planejamentos Pedagógicos de Núcleo (PPN) de todas as organizações militares. Este documento é balizador das ações pedagógicas que devem ser realizadas nos núcleos do projeto. Para isso, foram realizadas três reuniões técnicas com os coordenadores de núcleo, explicando a importância do documento, a contextualização das dúvidas, os ajustes na formalística, entre outros aspectos.

Ainda no ano de 2021, foi criado um Canal no Youtube: PROFESP – Força Aérea Brasileira. Foram disponibilizadas as gravações das Capacitações (2021 e 2022) e do Ciclo de Formação Continuada em 2021. O canal foi importante ferramenta, principalmente para que os novos colaboradores do PROFESP e a comunidade em geral, pudessem entender as diretrizes do programa e identificar a linha das ações esportivas e pedagógicas a serem realizadas. Até o presente momento ocorreram mais de 7500 visualizações dos vídeos inseridos. Na organização dessa divulgação, nenhum dado sensível à FAB foi transmitido pelo canal.



Para avaliar as ações desenvolvidas pelo PROFESP, utilizamos dois diferentes caminhos. O primeiro objetivo era identificar a melhoria das condições físicas dos beneficiados do programa. Para tanto, foi estimulada a utilização da bateria de testes físicos, proposta pelo Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR). O PROESP-BR é um observatório permanente de indicadores de crescimento e desenvolvimento corporal, motor e estado nutricional de crianças e jovens entre 6 e 17 anos. Foi idealizado e é gerenciado por professores e pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O segundo objetivo era identificar a melhoria dos beneficiados na perspectiva psicossocial. Inúmeras reuniões foram realizadas, por essa coordenação esportiva, com experts brasileiros e espanhóis (professores doutores de diversas instituições brasileiras e com os responsáveis pelo legado olímpico dos Jogos Olímpicos de Barcelona) para que fosse criado um modelo de acompanhamento.

No início do ano de 2022, foi realizada a 2ª Capacitação Pedagógica do Programa Forças no Esporte, no âmbito da FAB. Nesta segunda edição do evento, convidei novamente professores que atuam no Esporte Educacional. Todas as palestras foram realizadas em formato online com a participação efetiva dos Recursos Humanos que atuam no projeto nas Organizações Militares da FAB. A capacitação foi aberta aos interessados. O cronograma com as palestras/palestrantes foi:

- Programa Forças no Esporte – Esporte, Cidadania e Inclusão Social – Cel. Av. Décio Dias Gomes – Gestor Nacional do PROFESP – FAB.
- Programa de Formação e Fortalecimento de Valores – Cel. Wllices Dantas de Carvalho – Estado-maior da Aeronáutica.
- Desenvolvimento de competências no ensino esportivo – Prof. Dr. Hermes Balbino – Prefeitura Municipal de Piracicaba.
- Inclusão de pessoas com deficiência em programas esportivos – Profa Dra Bruna Barboza Seron – Universidade Federal de Santa Catarina.
- Mini-Atletismo – Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva – Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Polo Aquático – Prof. Gilberto Marques de Freitas Guimarães Jr. – Ex-Treinador – Seleção Brasileira.
- Badminton – Profa. Mestre Loani Istchuk – Treinadora – Seleção Paranaense e Brasileira.

- Experiências dos núcleos: Academia da Força Aérea – Pirassununga, SP. Universidade da Força Aérea – Rio de Janeiro, RJ. Base Aérea de Santos – Santos, SP. Cindacta II – Curitiba, PR. Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica e PAMA – Lagoa Santa, MG.

- A importância de um olhar voltado à saúde mental de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social – Psicóloga Ester Pereira de Oliveira – CINDACTA II – Curitiba, PR.

- Avaliação física no contexto de projetos sociais esportivos – Profa. Drda. Fernanda Piasecki Fazolli – Centro Universitário Ingá-Uningá – Maringá, PR.

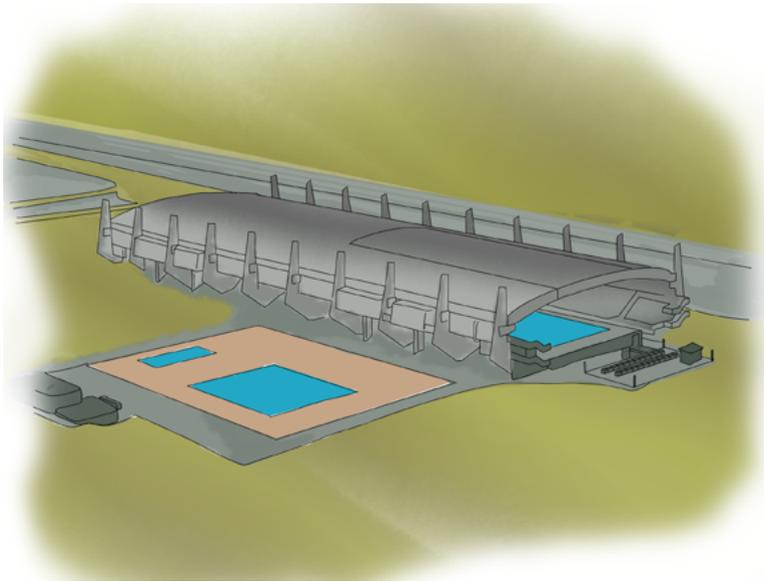
No decorrer do ano de 2022, as tarefas que estavam em andamento eram: orientação dos PPN e o 2º Ciclo de Formação Continuada. Em conformidade com as ações de análise dos PPN, foram realizadas duas reuniões de orientação e apoio à confecção dos documentos. Deve-se ressaltar que a assinatura e aprovação do presente documento é realizada pelo Comandante da Organização Militar.

Considerando os temas emergentes que pudessem auxiliar na formação dos professores e da equipe que atuam em suas atividades nos núcleos, pretendia-se realizar o 2º Ciclo de Formação Continuada, em 2022. Idealizar, assim, palestras dos esportes para além das suas estruturas básicas, utilizando-se temas que possam ser estimulados em ações interdisciplinares, tais como Esporte e Meio Ambiente, Esporte e Saúde, Esporte e Alimentação Saudável, Esporte e Direitos Humanos, Esporte, Arte e Educação, Esporte e Inclusão, Esporte e Inclusão Digital, Esporte e Cidadania entre outros. Particularmente, acredito que a inserção destes temas amplia o nosso horizonte de Educação por intermédio do Esporte, fazendo assim o Esporte como ferramenta social de ação e integração à sociedade. Infelizmente, todas essas ações pedagógicas foram paralisadas em abril de 2022 e nenhuma nova atividade foi desenvolvida no programa, até o presente momento.



Localmente, em Pirassununga, as atividades presenciais reiniciaram no mês de outubro de 2021. Não ocorreram atividades presenciais, entre março de 2020 a outubro de 2021, em função da pandemia do COVID-19. No período de pandemia foram realizadas entregas de kit de alimentos para as famílias dos beneficiados, atendidos pelo programa. Antes do retorno, nosso núcleo realizou algumas palestras de retorno às atividades com todos os envolvidos: coordenadores, professores e voluntários. Muitos foram os desafios, não apenas em relação a inatividade física desse período, mas todas as questões que atingiram os aspectos biopsicossociais dos beneficiados. Resgatar a prática do exercício físico, as relações humanas e sociais foram fundamentais após a pandemia.

Atualmente, o nosso núcleo atua com oito diferentes esportes: atletismo, badminton, basquetebol, futebol, natação, TAG-Rugby, tênis de campo e voleibol. Além das práticas esportivas, tem atividades complementares de ordem unida, inicialização da música e aulas de cidadania. Sou o responsável pela coordenação esportiva do núcleo, identificando possibilidades de ampliar as ações diárias para além do benefício físico e social aos nossos alunos.



Vista aérea das instalações esportivas da Academia da Força Aérea

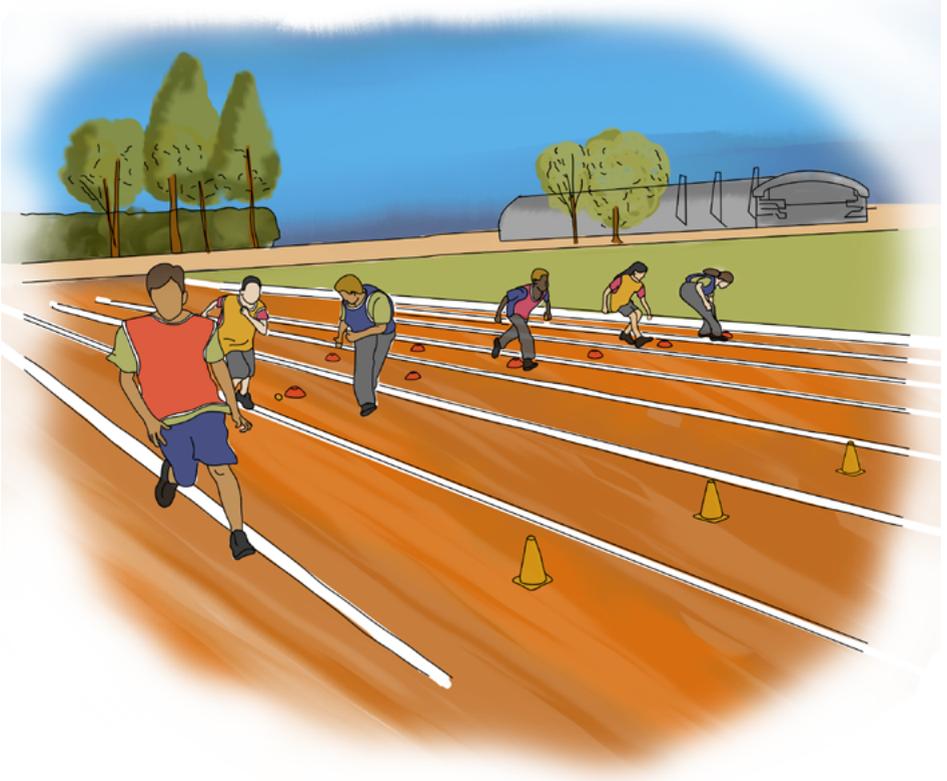
De acordo com o exposto anteriormente, muitos foram os caminhos percorridos até o presente momento. Considero o esporte como importante ferramenta de transformação social. Trabalhar diariamente com as 300 crianças em nosso núcleo na AFA (chão de fábrica) e pensar como aprimorar nossas ações administrativas, mas, acima de tudo, pedagógicas são meu foco de atuação.

Finalizando minha argumentação, trago algumas inquietudes que tenho para o projeto. Um primeiro aspecto que convido a atenção para o aprimoramento é a necessidade de aproximação com as famílias dos beneficiados. Essa aproximação culmina com o conhecimento adequado das ações que são realizadas. Em segundo momento desenvolver um ensino inclusivo e com acolhimento. Uma aula inclusiva trata todos com igualdade quando apoia as ações, estimula, incentiva, valoriza, promove e acolhe os beneficiados. É necessária a participação ativa dos alunos na construção, modificação e construção das regras das aulas. Assim, poderemos ser agentes transformadores da educação esportiva em nosso país.

Refletindo sobre a minha trajetória de vida e a importante função que exerço atualmente, como coordenador esportivo e professor do projeto na Academia da Força Aérea, destaco que o PROFESP tem importante responsabilidade social no desenvolvimento das crianças e jovens, destacando a inclusão, a participação e a responsabilidade como metas necessárias a serem atingidas. O ensino das práticas esportivas, sejam elas individuais ou coletivas, devem analisar o contexto cultural da localidade e requer o entendimento das características fundamentais do desenvolvimento integral da criança e do adolescente. É preciso, assim, ter coragem e força para desenvolvermos um programa de qualidade e não desistir frente aos desafios impostos no dia-a-dia.

## CARTA OLÍMPICA

*“A prática esportiva é um direito humano.  
Todas as pessoas devem ter a possibilidade de praticar esporte  
sem qualquer tipo de discriminação e conforme o ideal olímpico,  
que exige compreensão mútua e um  
espírito de amizade, solidariedade e fair play”.*



Alunos realizando atividades físicas

# Emerson Liomar

MOTIVOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA SE TORNAR  
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O CAMINHO CONTINUA....





“Se você quer ser o melhor,  
precisa fazer coisas que outras  
pessoas não estão dispostas a fazer.”

Michael Phelps

Graduado em Educação Física pela PUC-PR e Doutorando em Educação Física pela UFPR. Atua no PROFESP (núcleo militar de Curitiba), desde 2018, como professor de Educação Física; e também professor de cursos de Graduação e Pós-graduação da UNINTER.

Longe de ser um especialista em narrativas, mas na incumbência de contribuir com esse manuscrito, narrarei alguns recortes da minha história referente a formação profissional e ao trabalho desenvolvido no Programa Forças no Esporte (PROFESP). Para isso, a narrativa seguirá o roteiro baseando-se em algumas questões norteadoras: como me tornei professor de educação física? Como é a minha prática pedagógica no Programa Forças no Esporte? Quais as minhas principais vivências realizadas no programa? E, quais as contribuições das experiências de formação continuada na minha prática pedagógica? Para tais direcionamentos, serão contextualizados com uma linguagem simples. Ainda, pedindo licença aos leitores e avaliadores acadêmicos, esse enredo, compreenderá alguns bordões ou expressões oriundas do meio esportivo.

Desde criança fui apaixonado pelo esporte, em especial, pelo futebol. Assim, como inúmeros garotos brasileiros tive o sonho de ser jogador. Ao comemorar o gol marcado nas quadras ou campos esportivos, imaginava-me como o grande “craque” do time se apresentando na Arena da Baixada, Maracanã, Morumbi, Beira Rio, Mineirão, além de outros grandes estádios do mundo. Era a emoção singela e genuína de uma criança que corria, boa parte do dia, atrás da bola.



Ainda criança...

Na fase da adolescência, percebi alguns desafios e que o caminho a ser seguido não era esse. Porém, o anseio para trabalhar com o esporte foi determinante para cursar a faculdade de Educação Física. Após a conclusão do ensino médio, mudei de cidade para realizar minha formação acadêmica na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Instituição que me privilegiou com excelentes professores. Grandes mestres e doutores, com especialidades em diferentes áreas do conhecimento, que refletiram de forma exemplar para a minha profissão futura. Com “espírito esportivo”, associado à “dedicação e esforço” durante os anos da graduação, recebi o prêmio São Marcelino Champagnat – prêmio para o formando que alcança o melhor desempenho acadêmico.

Paralelamente aos estudos, trabalhava com futebol e futsal em um projeto social, gerenciado por uma Instituição religiosa, em parceria com um clube de futebol. Tal projeto era destinado às crianças e adolescentes, provenientes de região periférica e vulnerável da capital paranaense, e que teve indícios positivos na vida de muitos que ali participaram, inclusive na minha. Entretanto, o objetivo principal do projeto não era a competição e resultados esportivos, mas o talento de alguns somados aos valores humanos possibilitou participar de torneios e campeonatos em nível nacional e internacional. Entre eles, destaco duas viagens para França, além de outros indicativos positivos atingidos, direto ou indiretamente, a vários participantes. As experiências de viagens, novas amizades e conhecer novas identidades culturais, propiciadas por meio do esporte, proporcionam inúmeras aprendizagens significativas e capazes de contribuir para a nossa capacitação profissional e capital intelectual. Conhecer diferentes metodologias das práticas do futebol, ou ainda, o sentido cultural dessa modalidade, diferente da que estamos habituados, nos capacitam a rever alguns conceitos. Lembro-me quando nossa equipe de garotos “sub 13” venceu um jogo pelo placar de 8x0, na primeira fase final da competição. Os meninos da equipe adversária (equipe francesa) nos cumprimentaram e seguiram para o vestiário naturalmente. Na fase seguinte da competição, nossa equipe perdeu de 1x0 para uma equipe italiana. Diante desse resultado, foi nítida a tristeza e lágrimas nos olhos dos garotos, devido ao fato de não alcançarem melhores resultados. Isso nos leva a refletir algumas questões: qual o sentimento por trás de vitórias e derrotas no esporte do povo brasileiro comparado ao povo europeu? Quais

os motivos que levam às possíveis diferenças? Quais, ou que tipo são as contribuições educativas, de professores e familiares, aos atletas nessa fase de iniciação esportiva?

Após trabalhar por 7 anos com o futebol e ter experiência nesse projeto social, tive grandes aprendizados que, mais tarde, favoreceram no desenvolvimento das minhas atividades do PROFESP. Por se tratar de um público com estilos de vida semelhantes, nestes programas sociais, o conhecimento adquirido anteriormente, foi fundamental para resolução de possíveis conflitos e, por meio do esporte, estimulá-los à formação de valores, o convívio social e o desenvolvimento humano. Além disso, para trabalhar em programas socioeducacionais, é necessário adotar uma postura profissional que seja compatível com o ambiente em que se atua. Mais ainda, quando o propósito do projeto é a promoção de valores, a ação dos profissionais precisa apresentar compatibilidade. Pois, um programa social se torna compatível com seus princípios quando, não obstante ter como objetivo o respeito ao próximo, seus profissionais respeitam suas propostas, comunicam-se de forma educada, tanto entre os profissionais como também, com seus alunos.



Alunos conhecendo uma aeronave

Diante disso, considera-se importante incluir a equipe no momento de elaboração do PROFESP, podendo ser o diferencial, justamente porque é com base na concordância com a proposta que a implementação da ação será compatível. O PROFESP, tem como objetivo promover a valorização pessoal e fortalecer a integração social e a cidadania, buscando reduzir riscos sociais dos seus participantes, por meio do acesso à prática de atividades esportivas e físicas saudáveis e de atividades socialmente inclusivas, realizadas no contraturno escolar. Portanto, a implementação do projeto significa a prática pedagógica durante as aulas ou sessões. Dessa maneira, o professor ou profissional que atua na rotina do programa social é quem consegue materializar o que foi proposto na implementação e operacionalização.

Em face ao grande campo de atuação na área da educação física, minha intenção sempre esteve voltada ao esporte e à Educação Física Escolar. Assim, tive a experiência em atuar com a educação física no ensino regular e a iniciação esportiva em aulas extracurriculares, em diferentes escolas particulares. Minhas principais atividades desenvolvidas, na Educação Física Escolar, eram para os diferentes anos letivos do Ensino Fundamental I e II, além do Ensino Médio. Ou seja, pude trabalhar os conteúdos curriculares, com diferentes propostas pedagógicas, do 1º ao último ano do ensino regular. Além do ensino regular, trabalhei com atividades extracurriculares de futsal, basquetebol e voleibol com crianças e adolescentes, dentro da proposta voltada à iniciação esportiva.

Em 2014, ingressei no serviço público da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (SME), no concurso para profissionais de Educação Física. Após quatro anos de docência, com estudantes do ensino regular, tive a oportunidade de trabalhar diretamente na Secretaria da Educação e, diante desse remanejamento, fui convidado pela coordenadora de Projetos Educacionais para atuar diretamente no PROFESP do Cindacta 2, setor da SME, responsável pela regulamentação desta parceria. Confesso que, inicialmente, não tinha conhecimento sobre a operacionalização do programa desenvolvido nas forças armadas, especialmente, da parceria entre a Secretaria da Educação com o núcleo militar da FAB, localizado na cidade de Curitiba.

Importante enfatizar que o PROFESP é um programa desenvolvido nacionalmente, mas com parcerias setoriais regulamentadas conforme o município atendido. Em Curitiba, tal parceria envolve o núcleo militar da FAB com a SME. Diante disso, destacam-se as contribuições de ambas as partes para a execução das atividades. Conforme o acordo de cooperação, publicada no diário oficial do Município, constitui-se como responsabilidade do Município a seleção das escolas e indicação dos professores que acompanharão os estudantes nas atividades semanais; a disponibilidade e organização do transporte para o deslocamento dos estudantes até a Instalação Militar; pagamento de gratificação aos professores para atuarem nas atividades; além das visitas dos técnicos responsáveis ao núcleo militar, para acompanhamento das ações propostas. Em relação à responsabilidade do Núcleo Militar da FAB, caberá o desenvolvimento de modalidades esportivas coletivas e individuais além de artes marciais e atletismo; ofertar reforço alimentar nos horários de almoço e lanche da tarde; organização do espaço para o desenvolvimento das atividades, bem como instalações de banheiros e bebedouros disponíveis para o uso dos estudantes, com monitoramento da equipe responsável, além de cumprir o Plano de Trabalho de acordo com a vigência do Convênio.

Em 2018 tive as primeiras aproximações no Programa, com o desenvolvimento de atividades relacionadas ao esporte. Entre essas atividades destacam-se modalidades individuais e coletivas, que colaboram para o desenvolvimento integral dos estudantes que frequentam o núcleo militar, no período de contraturno escolar. Tendo o conhecimento do coordenador local, as atividades são planejadas e executadas seguindo a proposta da pedagogia do esporte com método interacionista. Ou seja, como área ampla que estuda o ensino das modalidades esportivas, há crítica à reprodução dos movimentos técnicos dos esportes de alto rendimento, por diversas razões que incluem falta de visão tática e experiências motoras diversificadas. Como alternativa, segundo o método interacionista, o aprendizado do gesto técnico é um dos componentes importantes, mas que precisa ser conjugado com outros. Essa proposta enfatiza o desenvolvimento humano, que agrega à prática esportiva os conhecimentos históricos, sociais, educacionais e de valores.

Portanto, seguindo essa vertente interacionista, crianças e adolescente vivenciam práticas voltadas ao futebol, vôlei, handebol, basquete, tênis, atletismo, lutas, badminton, orientação, etc. Ao mesmo tempo, outras atividades culturais e de cidadania são desenvolvidas sob o comando de profissionais com formação acadêmica e concordância com tais práticas, o que possibilita aos participantes novas vivências a diferentes ações educativas.

As atividades desenvolvidas no PROFESP trazem algumas reflexões, entre elas, a aproximação de professores e alunos com militares dentro das organizações. Tal aproximação é favorável para troca de conhecimento e experiências. Percebe-se que os profissionais das forças armadas passam seu conhecimento técnico aos estudantes, demonstrando simpatia e abertura para novas propostas pedagógicas, conseqüentemente, trocam “ideias” com os demais profissionais civis e alunos para inovações do planejamento. Nesse contexto, os participantes são os grandes beneficiados com o trabalho realizado. A propósito, não só os participantes. Os profissionais que estão diretamente envolvidos com as crianças e adolescentes presenciam muitas histórias de vida, algumas, que merecem reflexões! Como já mencionado, o programa é desenvolvido em todo o território nacional e tem por finalidade atender, preferencialmente, crianças e adolescentes entre 6 a 18 anos de idade, que se encontram em situações de vulnerabilidade social. Muitas vivem em zonas de riscos voltados à violência, contato com drogas, além de outras violações aos direitos humanos. Assim, sabe-se que cada indivíduo tem a sua história de vida. Como exemplo, apresento uma com a qual convivo. Trata-se de um garoto de 13 anos que mora em um orfanato. Não conheceu seu pai, falecido antes de seu nascimento e não teve contato com sua mãe biológica. Aos 10 anos foi adotado por uma família, entretanto, após um tempo foi devolvido ao orfanato. Diante dessa exposição repetiu 3 vezes o ano letivo – o número de faltas e dificuldade de aprendizagem na escola foram determinantes para tal ocorrência. Com tantas situações desconfortáveis, esse garoto apresenta convivência agradável, respeitosa e carismática, virtudes estas adquiridas por intermédio e orientação de educadores, professores ou gestores que o rodeiam no cotidiano, inclusive no PROFESP.



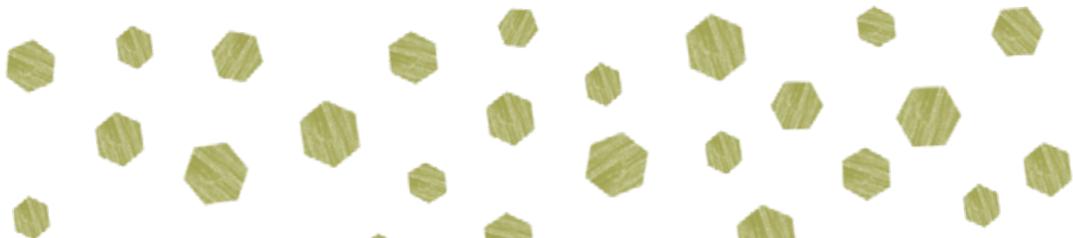
Portanto, mesmo que as minhas atividades estejam voltadas às práticas corporais do movimento, percebe-se um significado maior que a simples execução do esporte. Não se trata de citar o esporte enquanto salvacionista de problemas sociais, mas uma ferramenta para o desenvolvimento integral que pode proporcionar aos participantes um contexto educativo.

Encaminhando para o final do manuscrito, apresento o processo de minha formação acadêmica e as contribuições da formação continuada na minha prática profissional. Considero, que o leitor já identificou, que a paixão pelo esporte foi um dos principais motivos que me levou à formação inicial na Educação Física. Desta forma, a busca pela formação continuada foi baseada nas experiências profissionais. Ressalto que ao concluir a graduação na PUCPR, recebi o prêmio São Marcelino Champagnat, por ter obtido o melhor desempenho acadêmico da turma. O prêmio possibilita bolsa integral para realização do mestrado. Nesse período, trabalhava com futebol e o que me chamava atenção eram as manifestações de fé e religiosidade dos atletas, antes, durante e após as partidas. Vivenciava gestos de sinais da cruz, orações, além de superstições religiosas, presentes nas arquibancadas, vestiários e campo de jogo. Tal fenômeno me instigou a pesquisar sobre o assunto. Desenvolvi então o projeto e realizei a pesquisa no programa de Pós-Graduação em Teologia, da mesma Universidade.

Seguindo a atuação profissional com a iniciação esportiva em escolas de futebol, ingressei como docente da disciplina de Educação Física em escolas públicas e particulares. Em seguida, no âmbito acadêmico, ministrando aulas no ensino superior nas disciplinas dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e no curso de Pedagogia. O universo do ensino superior abriu novos horizontes e, com a aproximação da pesquisa, escrevi os meus primeiros livros. Em seguida, escrevi outros livros didáticos e livros técnicos recomendados por diferentes editoras. Também, senti a necessidade e oportunidade para realizar a minha segunda graduação (Pedagogia), duas especializações Lato Sensu (Educação Física Escolar e Formação Docente para EAD) na Instituição de Ensino que trabalho. Posteriormente, ingressei no programa de doutorado em Educação Física, da Universidade Federal do Paraná. Atualmente, a minha pesquisa é direcionada para a operacionalização e implementação do PROFESP na cidade de Curitiba.

Além desses cursos de graduação e Pós-Graduação do Lato e Stricto Sensu, realizei cursos de capacitação ofertados por diferentes instituições de ensino, voltados à prática profissional do ensino e a prática da Educação Física e do esporte. Nesse universo de formação continuada, participei da semana pedagógica do PROFESP, fundamental para o planejamento, execução e avaliação das atividades do programa. Tratando de avaliação, geralmente consideramos sobre como os nossos alunos estão sendo avaliados, identificando qual foi a aprendizagem. Entretanto, é preciso considerar que a avaliação também pode identificar problemas do ensino ou da convivência. Sendo assim, para que a identificação de problemas não seja apenas do “produto”, isto é, no fim de aula, semestre ou ano, é preciso destacar a efetividade, que se torna central em projetos educacionais. Neste caso, do programa Forças no esporte. E, sabendo que a formação continuada é fundamental em qualquer área de atuação profissional, ainda que o ensino de modalidades esportivas faça parte do contexto educacional, um programa socioesportivo não deve se limitar a elas. Na prática, os professores e profissionais devem aproveitar o potencial das práticas corporais para educar no sentido amplo, não apenas ensinar os movimentos. Como foi abordado anteriormente, há uma leitura que o esporte ou demais atividades educativas em programas esportivos, podem servir na promoção de objetivos que beneficiem os praticantes em diferentes esferas da vida. A promoção de valores é um deles.

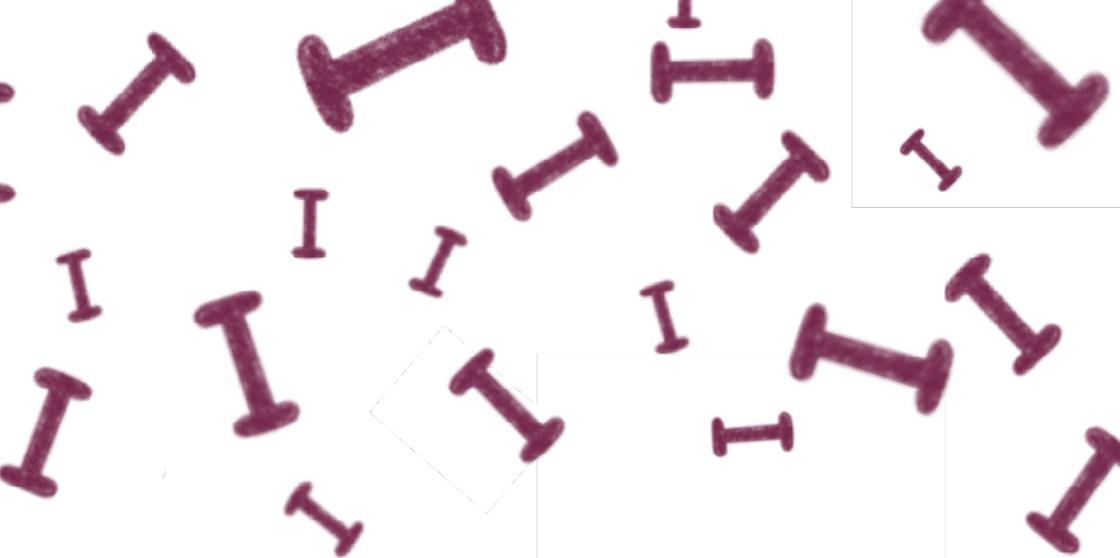
Após destacar alguns motivos e desafios para se formar em Educação Física e, conseqüentemente, dar continuidade a formação com cursos de aperfeiçoamento e pós-graduação, busquei narrar um pouco sobre a minha experiência profissional, essencialmente do PROFESP. Ao encerrar a escrita deste texto pessoal, afirmo que as perspectivas profissionais e pessoais nessa trajetória continuam. Isso não significa que os desafios e dificuldades já foram todos “enfrentados” e “superados”. Pelo contrário, pois assim como o esporte, as grandes vitórias são alcançadas após passar por grandes desafios.



# João Paulo Lima

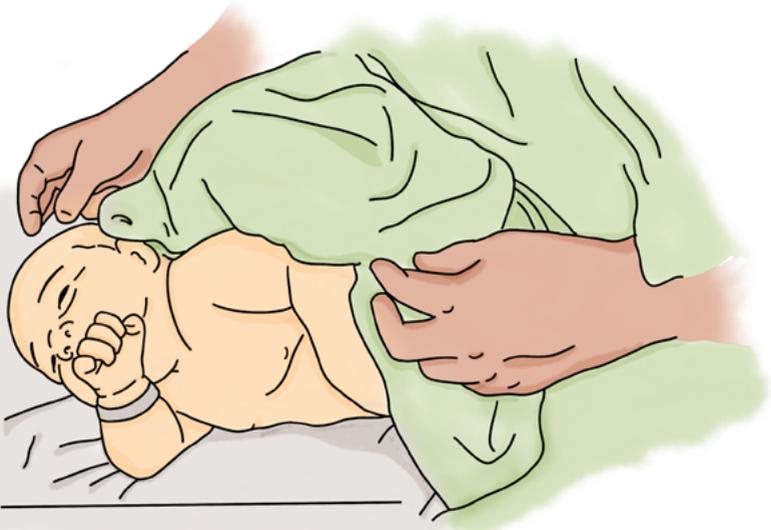
SUPERAÇÃO QUE FORMA E TRANSFORMA!





Sou o João Paulo Lima de Oliveira, nasci em Brasília (1981). Filho dos ilustríssimos Vicente Sebastião de Oliveira e Maria das Vitórias Lima de Oliveira (in memoriam), irmão do grandiosíssimo João Vicente Lima de Oliveira (in memoriam) e do grande “Brother” Luiz Henrique Lima de Oliveira. Iniciei o curso de Educação Física em 2000, na Universidade Católica de Brasília. Em 2002 comecei a minha carreira em academias como estagiário nas aulas de Ginástica Localizada, Jump, Step, Abdominal e Alongamento. Em 2004 me formei e passei a ministrar, além dessas, aulas de Pilates, Body Balance (Yoga, Pilates e Tai Chi), spinning, musculação, Kangoo Jump e personal trainer. Casei com a digníssima Vanessa Amaral Magalhães, em 2006. Concluí a especialização Lato Sensu em Treinamento Desportivo (2006) e Atividade Física Adaptada e Saúde (2008) pela Universidade Gama Filho. Em 2012 nasceu a nossa 1a. preciosidade, em 2015 nasceu a 2a. preciosidade e me incorporei no Quadro de Oficiais Convocados de Educação Física, na Força Aérea Brasileira e ministrei aulas do Treinamento Físico Profissional Militar (TFPM). Treinei equipes para competições de tiro de longa e curta distância, corrida rústica, vôlei de quadra, futebol Society, natação e vôlei de areia. Além de organizar eventos esportivos, trabalhei na administração pública. Aprendi um pouco sobre segurança institucional e fui agraciado como coordenador e professor do Programa Forças no Esporte (PROFESP), que além de muitos frutos colhidos, para o desenvolvimento integral de crianças em situação de vulnerabilidade social, me deu a oportunidade de conhecer a autora deste trabalho em uma de suas capacitações e, por isso, a oportunidade única de fazer parte desse grandioso trabalho.

No dia 3 de março de 1981, em uma terça-feira de carnaval, às 18h45, eu cheguei a esse maravilhoso mundo. Fui gerado no ventre da minha amada mãe que, a essa época, era diabética há, aproximadamente, 12 anos. Resultado disso: nasci com 6,270 Kg, isso mesmo! Você não leu errado e nem houve erro de digitação ou revisão, nasci com seis quilos duzentos e setenta gramas, com o belo sangue de minha mãe, cheio de açúcar em minhas veias e com dificuldade para respirar. Por causa desses pequenos detalhes, eu fiquei alguns dias na incubadora.



Ainda bebê...

Graças a Deus, o quadro se reverteu por completo, a taxa glicêmica e respiração se normalizaram e meu peso foi diminuindo com o passar dos meses. Já nasci meio que na contramão! Todas as mães rezam para seus filhos recém-nascidos ganharem peso, enquanto a minha rezou para eu perder. Enfim, devido a essa forma especial que cheguei a Terra, meus pais me colocaram cedo na prática esportiva. E, adivinha qual era, até pouco tempo, a modalidade esportiva que solucionava todos os problemas da vida? Sim, ela mesmo, a boa e velha natação! Iniciei as primeiras braçadas na água com 4 anos de idade (na década de 80, não se começava aos 6 meses, como hoje).

Durante 15 anos foram muitas aulas, treinos e competições. Histórias boas, amizades e capacidade ventilatória pulmonar que são preservadas até os dias de hoje.



Turma da natação

Tive uma infância normal, era bom menino, crescia e me desenvolvia no seio da minha família, até que chegou a adolescência. Então, no ano de 1996, após duas reprovações, estava cursando pela segunda vez a 7ª série do ensino fundamental (na época 1º grau) e, em uma aula de Matemática, com a professora Vângela – isso mesmo, me lembro do nome dela, é lógico que não da matéria, pois não tinha o mínimo de interesse em aprender – estava eu ali divagando, como sempre, em meus pensamentos... Nessa ocasião, era um pensamento um pouco triste, entre os blá-blá-blás que entravam em meus ouvidos e pensava: o que serei quando crescer? Eu não gosto de nada! Dentista? Não. Médico? Medicina é muito difícil. Advogado? Deus que me livre ter que trabalhar de terno, sapatos e gravata. Professor? Jesus! Ter que aguentar alunos como eu... Até que Deus tocou meu coração e veio em mente: professor de Educação Física! Nesse momento, devo ter apoiado os cotovelos na mesa, as mãos no queixo com aquele sorriso leve e pensamento distante, como estar à beira de alguma piscina ministrando aula de natação e viajei nesta nobre profissão.

Nessa mesma época, um grande amigo, o Renato, estava cursando Educação Física na Universidade de Brasília (UnB). Conversei bastante com ele, até assisti uma ou duas aulas na faculdade de Educação Física e, vez ou outra, jogava futebol com os estudantes do curso. Com certeza, ter feito natação desde os 4 anos de idade, a amizade com o Renato, hoje Professor Doutor da UnB, além de gostar somente dos esportes, me influenciaram muito na decisão de me tornar educador físico.



Renato (amigo) e eu

Concluindo, cursei Educação Física por causa da natação. Mas, somente após ter me formado, aproximadamente, 12 anos, tive a oportunidade de lecionar natação, onde? No maravilhoso Programa Forças no Esporte (PROFESP).

Detalhando um pouco mais, iniciei o curso da faculdade de Educação Física em 2000, na Universidade Católica de Brasília (UCB). Nas primeiras aulas, aquele garoto de 19 anos, que não gostava de estudar, tornou-se curioso pela magia e perfeição do corpo humano. Me encantei com a biologia aplicada ao corpo humano, especialmente a magia mitocondrial. Por vezes, divagava durante as aulas, mas agora era na viagem da Educação Física! Lembro que ficava admirado, pensando no processo do emagrecimento que ocorre dentro da mitocôndria, que fica na membrana celular, que é invisível a olho nu. Como pode algo tão complexo e significativo ocorrer dentro de uma estrutura tão pequena?! Admirava também o processo de aprendizagem, a evolução do ser humano nas fases da infância ou como acontecimentos na vida das crianças podem influenciar toda sua vida. Até hoje acho isso tudo muito curioso! A vontade de ser professor de natação foi cedendo espaço à vontade de ser professor acadêmico e aquele falecido garoto, que não gostava de estudar, agora era amigo dos professores e exemplo para a turma. Quem diria que um dia, em minha vida de estudante, os colegas queriam estar no meu grupo de trabalho, gostariam de participar dos grupos de estudo comigo e que eu aproveitaria o intervalo das aulas para buscar algum livro na biblioteca, para estudar... A Universidade realmente transformou o meu ser por meio da graduação em Educação Física.

Em seguida, no quarto semestre (final de 2002), fiz um curso de extensão na modalidade de step. Mesmo sendo completamente descoordenado, tendo grande dificuldade de decorar a sequência coreográfica das aulas e não entender sobre musicalidade, frase musical e ritmo, aceitei o convite da professora e fui à academia em que ela trabalhava para fazer aulas de step. Na primeira vez, fui convidado para estagiar lá! Fiquei extasiado com o convite porque, de fato, tinha muita dificuldade. Ou a professora não batia bem das ideias ou ela via um potencial que eu não enxergava. Resumindo a história, para desgosto de meu pai (trauma rapidamente superado), abandonei meu emprego de office boy da Câmara dos Deputados, com o salário de R\$ 800,00 e encarei o estágio com o salário de R\$ 0,00. Isso mesmo, zero reais! Até dá para entender meu pai! Passados 6 meses, comeci a receber uma contribuição de R\$ 180,00 e, por fim, um salário mínimo que, na época, era algo em torno de R\$ 480,00. Logicamente pude fazer essa “loucura” porque morava com meus pais e tinha cama, comida, roupa lavada e a faculdade “paitrocinadas”.

Contudo, o meu maior salário nesse primeiro estágio não foi o financeiro. Lá aprendi a ministrar aulas de step, ginástica localizada, jump, alongamento e abdominal. Fiz um maravilhoso “network” nos cursos e encontros fitness que participava, carregando e descarregando caminhões e caminhonetes com steps e jumps, organizando o layout das salas das convenções, carregando e instalando o som e microfone, organizando o coffee break e levando a água para a professora falar por 16 horas, durante o fim de semana. Isso tudo pelo salário de fazer o curso gratuitamente. Valeu a pena? Muito! Quando me formei, no ano de 2004, recebi convite para trabalhar como professor em 5 academias. E lá fui trilhar meus caminhos no mundo fitness!

Permaneci nesse mundo por 15 anos de muitas histórias, amizades, alegrias, tristezas, aprendizados. Destacam-se algumas histórias de alunos que venceram patologias com a prática de atividade física orientada, relatos de alunos que ganhavam mais mobilidade, independência, deixavam de sentir dores, diminuíram a quantidade de remédios ingeridos por dia... O período que pude fazer um estudo de caso com a minha mãe, com o objetivo de avaliar o controle de níveis glicêmicos, na corrente sanguínea, por meio da prática de atividade física orientada. Enfim, são muitas lembranças boas desse maravilhoso tempo da minha vida que tem, como único ponto negativo, a baixa remuneração. Nesses anos me especializei em diversas aulas coletivas, como Pilates, Spinning, Body Balance (uma mistura de yoga, pilates e tai chi chuan), Kangoo Jump. Enfim, das modalidades que existiam em academias até o ano de 2015, me aventurei por quase todas elas! Tive a oportunidade de ser coordenador técnico da academia que trabalhei por 11 anos, outra experiência fantástica! Tive a árdua missão de me tornar “administrador de empresas”, na verdade de pessoas, pois lidava com o quadro de professores, alunos, equipe de limpeza, fornecedores e o funcionamento técnico da academia, essa era a parte mais fácil, para me capacitar, consegui participar de algumas palestras e li alguns livros de gestão de pessoas e empresas, para me inteirar no assunto, além de realizar uma pequena consultoria no SEBRAE, mas na realidade o grande aprendizado veio no dia a dia, acompanhado do prazer de trocar conhecimentos com os estagiários, professores e alunos, entendendo que não só da parte fitness se fazem as academias.

Compreendi o tripé de clientes, colaboradores e professores, embora não seja fácil lidar com tudo isso, mas lá fui eu! Foi uma aventura de grandes

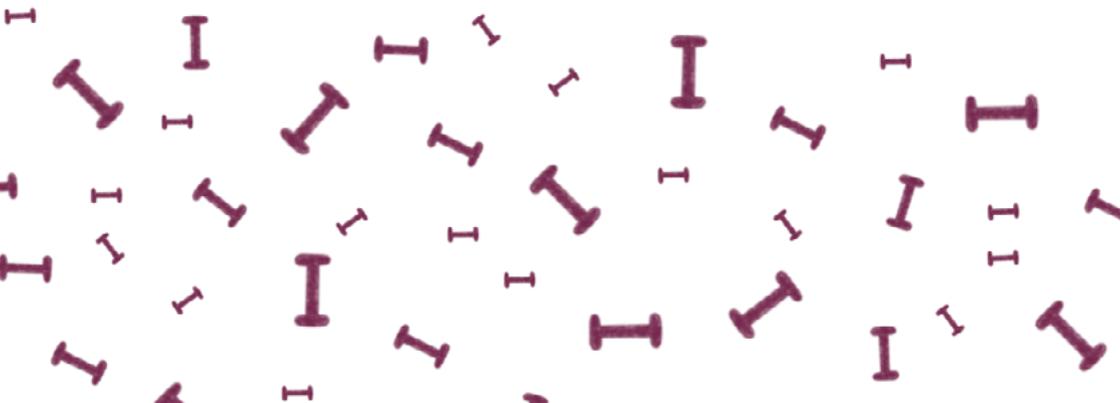
ensinamentos, especialmente na arte de lidar com seres humanos! Eram 18 profissionais de educação física, lutas, danças e ginástica artística, aproximadamente 1000 alunos, a secretaria com 6 funcionários, um gerente e o dono da academia, cada um com seus posicionamentos e vontades, muitas vontades, menos a de ceder. Contudo, gostava da missão, e como nada é para sempre, chegou o momento em que a empresa familiar (a academia) foi vendida para uma multinacional e todo o meu encanto se transformou em estresse e tensão. Foi quando aquele maravilhoso jeito familiar, de se lidar com as diferenças, da noite para o dia assumiu uma conduta extremamente rígida. Lembro-me de professores maravilhosos, porém não conseguiam cumprir os horários estabelecidos, eu sempre ajustava os horários de atendimento e aulas para que não fosse notado pelos alunos, potencializava suas qualidades diante de seus defeitos. Entretanto, a empresa informou que não admitiria isso, o ponto teria que ser descontado. Às vezes, naquelas sextas à noite com mais professores que alunos, sempre liberava 50% da equipe. Considerava que funcionário motivado produziria mais em menos tempo de trabalho. Porém, a nova gerência informou que poderia dispensar, mas não haveria pagamento daquelas horas. Foi necessário cortar o ponto de uma colega que não foi trabalhar, devido ao óbito de um amigo de infância, e o pior é que grande parte da equipe não entendia que era a nova direção, afirmavam que havia mudado a minha conduta e algumas amizades rompidas. Período muito triste!



Aulas na academia

Em uma segunda-feira, uma amiga comentou sobre o concurso para Oficial temporário da Força Aérea Brasileira (FAB). Imediatamente falei: “Você está louca? Eu virar “milico? Tô fora!”. Mas, para essa amiga, minha esposa e meu pai, o louco era eu de não tentar. Diziam: “Você está tendo a oportunidade de sair do local de trabalho que não mais te satisfaz profissionalmente”. Então, lá fui eu encarar esse novo desafio e não tinha ideia de como seria.

Na terça-feira, essa minha amiga levou a cópia do currículo dela e disse: “imprime das páginas 50 a 70, providencie os comprovantes de “nada consta” e os certificados iguais aos meus. Coloca na mesma ordem, encaderna e entrega no COMAR 6”. Conversava mentalmente com Deus, “o Senhor está começando a deixar as coisas fáceis demais”. E do jeito que minha amiga orientou eu fiz. Encadernei tudo, encarei uma fila de 7h, entreguei a cópia da documentação solicitada e segui a vida, sem a menor expectativa ou interesse. No dia do resultado, apenas no período vespertino, ainda sem pretensão (até porque eram apenas 3 vagas), fui ver o resultado. Pois lá estava meu nome em primeiro lugar! Fiquei sem acreditar, sem falar nada! Chamei a minha esposa e pedi para ela olhar na tela do computador e pulou de alegria! Passei para a fase seguinte, ainda pessimista, pensando que nunca seria chamado. Com certeza me derrubariam em alguma das fases, para colocar o(a) filho(a) de um Coronel ou Brigadeiro. Com esse pessimismo, passei para a segunda fase, pela inspeção de saúde e entrei no curso de formação em 1º lugar. Meu pensamento, no primeiro dia, foi que nunca havia sido primeiro lugar em nada na vida, nem mesmo nas competições de natação. Nesse momento, me comprometi a ser o 1º, pelo menos entre os educadores físicos.





Turma do PROFESP

Foi um desafio grande para aquele garoto que não se dedicava aos estudos e passou a estudar apenas temas afins à Educação Física – durante muito tempo estudou somente conteúdos sobre emagrecimento, ganho de massa muscular e exercícios para algumas patologias que apareciam na academia –, ter que encarar matérias como Código do Processo Penal, Código de Processo Penal Militar, Estatuto Militar, Constituição Federal, Lei do Armamento, entre outras matérias internas à administração da Força Aérea. Ainda mais com o desafio imposto, por mim, de ser o primeiro. Mas, lá fui eu! Após 45 dias, várias noites sem dormir, fins de semana estudando consegui, pela primeira vez em minha vida, ser o primeiro colocado em alguma coisa. O 1º colocado entre os 5 alunos da Educação Física (foram abertas mais duas vagas durante o processo seletivo) e 14º entre os 86, que participaram do curso de formação. Foi a primeira vez na vida que me senti inteligente, minha autoestima foi nas alturas. Fiquei na frente de advogados, engenheiros, fisioterapeutas, enfermeiros... Enfim, na frente de 72 pessoas! Me senti o cara!

Conhecia muito pouco sobre as opções de escolha de local de trabalho, mas por ter sido o primeiro de Educação Física a escolher, o Capitão leu para mim as opções disponíveis: Prédio do Comando da Aeronáutica, COMAR 6 e Base Aérea de Brasília (BABR). Respondi: Base Aérea de Brasília! Nesse momento, ele levantou a cabeça, olhou nos meus olhos e falou: “Eu vou repetir para você, as opções são: Prédio do Comando da Aeronáutica, COMAR 6 e Base Aérea de Brasília” e a minha resposta foi a mesma. Ele deu de ombros como se falasse: “Filho, você foi o primeiro e está escolhendo o pior lugar para ir”.

Eu ainda não conhecia o Programa Forças no Esporte (PROFESP). A minha escolha foi devido a um casal que conheci, um médico e uma dentista, do Hospital da Força Aérea de Brasília (HFAB), na academia em que eu trabalhava. Disseram para eu escolher a BABR e que me levariam para dar aulas de Educação Física, no setor de geriatria do hospital. Isso era tudo que queria naquele momento! Adorava trabalhar com idosos e o expediente seria das 7h às 13h, perfeito! Mas, o plano não seguiu como eu previa. Um militar do meu curso de formação escolheu ir para o COMAR 6. Deus tinha um plano melhor para mim! Não digo mais fácil, pelo contrário, muito desafiador, mas com certeza melhor!

Enfim, apresentei-me na BABR e fui alocado na Seção de Educação Física, onde estou desde novembro de 2015. O nome da Seção já mudou algumas vezes, já foi Subseção de Educação Física, já ficou sem nome, com suas atividades incorporadas à Coordenadoria de Interações e Apoio (CIA) e, hoje, é a Seção de Instrução Militar (SIM). Nas atividades inerentes à Educação Física, nada mudou além do nome. Dentre essas atividades, a que mais encheu os meus olhos, fez o coração palpitar com mais emoção e a alma ser preenchida, foi o maravilhoso Programa Forças no Esporte (PROFESP). Esse espetacular Programa que transforma vidas e proporciona expectativa de vida com qualidade para crianças em situação de vulnerabilidade social.

Como nada para mim é fácil, os dois primeiros anos foram difíceis. Tinha um chefe, também educador físico, que foi soldado por quatro anos. Formouse em Educação Física e teve a musculação como escola pedagógica. Em resumo, no meu humilde ponto de vista, a didática por ele utilizada era, no mínimo, inadequada para ser aplicada às crianças. Sugeri diversas dinâmicas, aulas, trabalhos e sempre tive como resposta: “isso não dá certo não”!

Nessa época, ocorreu um encontro inusitado... Estava de plantão, fui jantar no Rancho e sentei à mesa com um coronel, que nunca tinha visto, e não mais o vi depois desse dia. Pedi licença e sentei à mesa que ele estava para jantar. Iniciou aquele assunto clichê: “está de serviço?”. Bem, militar com coldre e arma no rancho, ou está de serviço ou está querendo cadeia... Enfim, conversamos e falamos um pouco sobre cada atividade que eu exercia como educador físico da FAB, enquanto ele pouco falou. Iniciei o movimento para levantar-me da cadeira e pedir licença, mas fui surpreendido com o toque da mão dele em meu braço. Interrompi o movimento, voltei a ficar sentado, nos olhamos e ele disse algo, mais ou menos assim: “o seu momento na FAB ainda não chegou, isso será em, aproximadamente, dois anos”. Curioso que, por questões éticas, não falei nada sobre o que se passava com a minha chefia, o quanto me sentia limitado de atuar como gostaria.

Os dois anos seguintes se passaram da mesma forma. Observava o chefe ministrar as aulas no PROFESP e no Treinamento Físico Profissional Militar (TFPM), conduzindo as atividades no PROFESP e eu atuando como estagiário dele, carregando o material, levando aluno ao banheiro, acompanhando a higiene bucal, ajudando no almoço e lanche... Mas, atuar como educador físico efetivamente, somente quando ele estava de serviço ou tinha algum compromisso conflitante.

O importante é que tive paciência e, em 2018, o tempo de serviço dele se encerrou. Estava sedento para colocar as minhas ideias em prática e lá fui eu! Tudo começou a ficar maravilhoso, eram aulas com a participação ativa dos alunos, bate papo inicial, solução de problemas pelos alunos, durante o bate papo de fixação das ações no final, ministrava aulas de basquete, vôlei, natação, atividades recreativas, gincanas e outras. Mas, a modalidade era mero detalhe do processo de aprendizagem. Foi tudo muito bom, me sentia verdadeiramente parte integrante de um processo que transforma vidas, não somente por meio do esporte, mas por meio de diversas atividades de inclusão social.



Realizamos visitas às unidades militares do quartel, Batalhão de Infantaria, Banda de Música, Pelotão Contra Incêndio, Aeródromo. Em cada local, além de conhecer o espaço físico, víamos apresentações da Tropa Santos Dumont, cães de guerra, motociclistas batedores, técnicas verticais, apresentação de instrumentos musicais e a orquestra, técnicas de combate e prevenção contra incêndio, carro dos Bombeiros e, o mais esperado por eles, passear no Pátio das Aeronaves, ver os aviões e helicópteros de perto e poder entrar neles. O mais interessante é que esses passeios não eram apenas demonstrações e visitação. Eu sempre perguntava ao chefe do setor se ele tinha conhecimento de algum militar que havia ascendido de comunidade carente e hoje estava ali servindo a pátria. E tinham vários. Conversava com eles e perguntava se eles contariam a sua história para as crianças, de qual comunidade vieram, em quais escolas estudaram, como ficaram sabendo das formas de incorporação da FAB, bem como se desenvolveu na carreira militar. O objetivo principal era mostrar para as crianças que é possível vir de comunidades desfavoráveis socioeconomicamente e adquirir um emprego. Deixava claro para as crianças que o meio que os militares encontraram para ascender foi o militarismo, mas havia vários outros caminhos e, assim, nós conversávamos e fazíamos trabalhos sobre as diversas profissões.



Apresentação de instrumento musical

E, nessa maravilhosa metodologia, eu e dois soldados conduzimos os trabalhos do PROFESP da BABR, nos anos de 2018 e 2019. Foi uma experiência diferente, pois tinha em mente que se um Oficial pedisse algo, seria atendido, mas entendi que a banda tocava diferente, nunca gostei que um trabalho meu ficasse paralisado por que outras pessoas não o realizaram. Sendo assim, quem servia as crianças no Rancho éramos nós, realizávamos quase tudo, como aprendi em meu curso de formação. Fazíamos do alfinete ao foguete, confeccionávamos o Projeto Pedagógico de Núcleo (PPN), executávamos o PPN, preparava e realizávamos reuniões com a escola, pais e professores participantes, procurávamos parceiros para aulas diversas, especialmente de lutas, ministrávamos as aulas, ordem unida, algumas palestras e corriamos atrás de outros palestrantes... Não era fácil, mas dava muito prazer. Até que na segunda semana das atividades do ano de 2020, fomos acometidos com os impactos da pandemia da Covid-19. Ficamos em casa e foi triste interromper, de forma abrupta, as atividades que geram oportunidades às crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social. Era de partir o coração, pensar que aquelas crianças passariam dias e noites dentro de seus lares, sem a oportunidade de desenvolver seu cognitivo, lúdico, social. Crianças que foram tolhidas em uma fase da vida e que acarretará consequências para todo o futuro.



Apresentação de instrumento musical

O PROFESP me proporcionou grande amadurecimento profissional, espiritual e pessoal. As capacitações pedagógicas em que participei, entre os anos de 2016 a 2022, foram divisores de água para forjar o professor de fitness em um professor de Educação Física escolar. Mais uma vez Deus me mostrou que o mundo vai muito além da bolha em que vivo e, principalmente, que não precisa de muito além da vontade para que inúmeras vidas possam ser transformadas. Basta o olhar atento, a correção amorosa e fraterna, conversar, doar os ouvidos para o desabafo que, na verdade, é o grito de socorro de crianças que passam fome, são violentadas, agredidas, “forçadas” a trabalhar para ajudar a economia doméstica, enfim, crianças vivendo em vulnerabilidade. Basta dar um passo para o lado de sua bolha e verificar que o pouco que temos é muito para grande parte da população. Falava para meus estimados alunos: “torço para que em futuro breve eu leve meu carro na oficina, vá ao hospital, ao dentista, à padaria, precise de um advogado, um contador, um técnico em informática, que eu assuma outra função pública, que eu seja parado em uma blitz, que eu seja abordado pela PM, PF ou PRF, que eu vá ao aeroporto e possa reencontrá-los desempenhando suas profissões! Por fim, espero de coração que um dia encontre vários de vocês felizes com seus ofícios, suas famílias, lares e lazer”. Nesse dia, serei a pessoa mais feliz do mundo porque fiz parte do processo de transformação social de pessoas, que outrora viviam em vulnerabilidade social, com pouca expectativa de futuro!



Apresentação de instrumento musical



Alguns alunos

